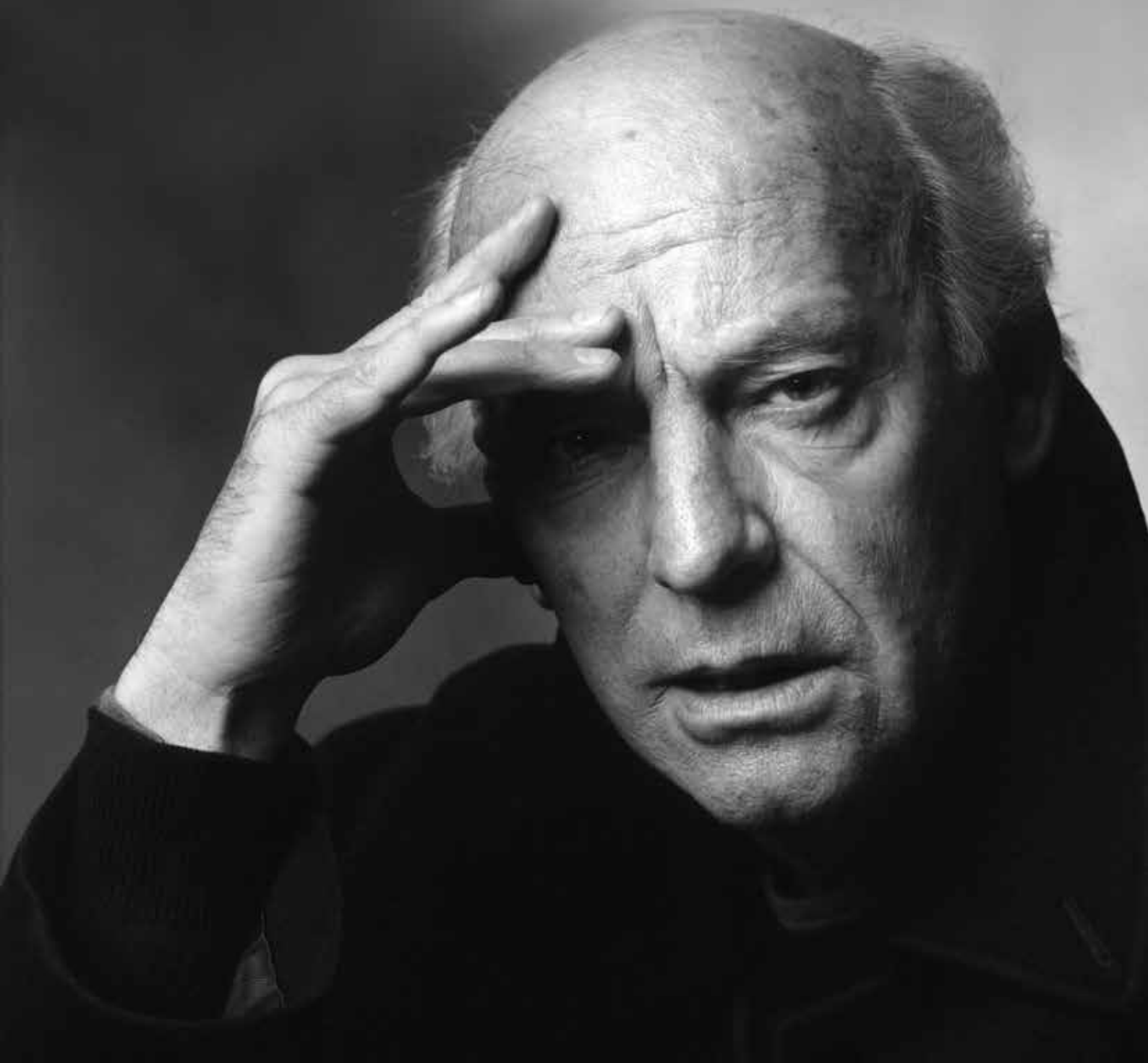


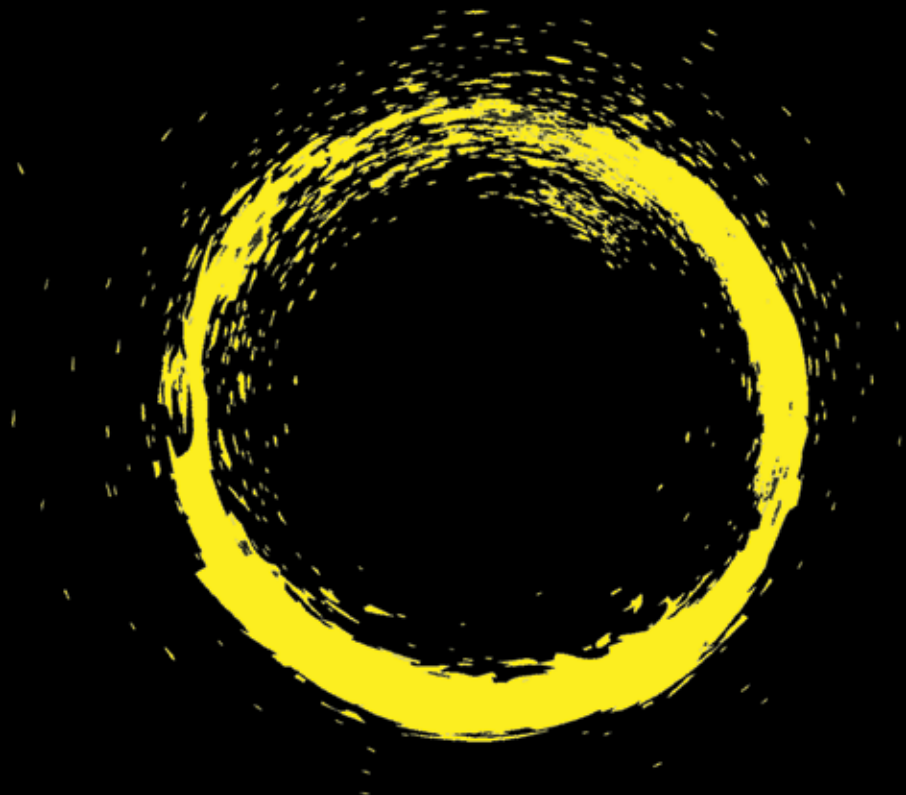
Nossa

Revista do Memorial da América Latina Nº52 - Ano 2015 | 1º semestre - R\$9,00

AMÉRICA



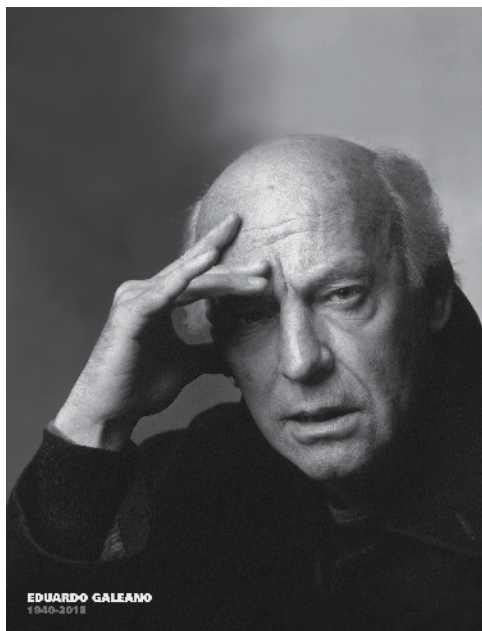
EDUARDO GALEANO
1940-2015



www.memorial.org.br

**AV. AURO SOARES DE MOURA ANDRADE, 664
01156-001 - SÃO PAULO SP (11) 3823.4600**

AMÉRICA



EDUARDO GALEANO
1940-2015

GOVERNADOR
GERALDO ALCKMIN

SECRETÁRIO DA CULTURA
MARCELO MATTOS ARAÚJO

FUNDAÇÃO MEMORIAL
DA AMÉRICA LATINA

CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE
ALMINO MONTEIRO ÁLVARES AFFONSO

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
MARCELO MATTOS ARAÚJO

VICE GOVERNADOR E SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MÁRCIO FRANÇA

REITOR DA USP
MARCOS ANTONIO ZAGO

REITOR DA UNICAMP
JOSÉ TADEU JORGE

REITOR DA UNESP
JULIO CEZAR DURIGAN

PRESIDENTE DA FAPESP
CELSO LAFER

REITOR DA FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES
JOSÉ VICENTE

PRESIDENTE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS JURÍDICAS
RUY ALTENFELDER

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETOR PRESIDENTE
JOÃO BATISTA DE ANDRADE

CHEFE DE GABINETE
IRINEU FERRAZ

DIRETORA DO CENTRO BRASILEIRO DE
ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA
MARÍLIA FRANCO

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
FELIPE PINHEIRO

DIRETOR DE ATIVIDADES CULTURAIS
LUIZ FELIPE BACELAR DE MACEDO

REVISTA NOSSA AMÉRICA

DIRETOR
JOÃO BATISTA DE ANDRADE

EDITORA EXECUTIVA/DIREÇÃO DE ARTE
LEONOR AMARANTE

ASSISTENTE DE REDAÇÃO
MÁRCIA FERRAZ

DIAGRAMAÇÃO
MARIA PAULA FILIPPO (ESTAGIÁRIA)
EVERTON SANTANA (COLABORADOR)

REVISÃO
LILLIAN BRAZÃO
BEATRIZ XAVIER (ESTAGIÁRIA)

LEITURA FINAL
LUÍS AVELIMA

TRADUÇÃO
CLÁUDIA SCHILLING

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Ana Maria Ciccacio, Eric Nepomuceno, Everton Santana, Francisco Cesar Filho, José Alberto Lovetro, José Roberto Torero, Jurandir Müller, Luís Avelima, Margarita Victoria Gomez, Maurício Rahal, Nauro Júnior, Pedro de la Hoz, Silas Martí, Tânia Rabello.

CONSELHO EDITORIAL

Anibal Quijano, Carlos Guilherme Mota, Celso Lafer, Davi Arrigucci Jr., Luis Alberto Romero, Luiz Felipe de Alencastro, Luis Fernando Ayerbe, Luiz Gonzaga Belluzzo, Renée Zicman, Ricardo Medrano, Roberto Retamar, Roberto Romano, Rubens Barbosa, Ulpiano Bezerra de Menezes.

NOSSA AMÉRICA é uma publicação trimestral da Fundação Memorial da América Latina. Redação: Avenida Auro Soares de Moura Andrade, 664 CEP: 01156-001. São Paulo, Brasil. Tel.: (11) 3823-4669. Vendas: (11)3823-4618 Internet: www.memorial.sp.gov.br Email: publicacao@fmal.com.br

Os textos são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo o pensamento da revista. É expressamente proibida a reprodução, por qualquer meio, do conteúdo da revista.

CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

EDITORIAL

04

JOÃO BATISTA DE ANDRADE

ENTREVISTA

06

ERIC NEPOMUCENO

COMENTÁRIO

14

LEONOR AMARANTE

HOMENAGEM

16

EDUARDO GALEANO

ESPORTE

20

JOSÉ ROBERTO TORERO

LEMBRANÇA

24

ERIC NEPOMUCENO

MEIO AMBIENTE

28

TÂNIA RABELLO

PENSAMENTOS

30

EDUARDO GALEANO

FILOSOFIA

31

MARGARITA VICTORIA GOMEZ

ESCRITORES

34

ANA MARIA CICCACIO

CULTURA

38

PEDRO DE LA HOZ

CARICATURA

44

JOSÉ ALBERTO LOVETRO

FILMES

46

FRANCISCO CESAR FILHO
JURANDIR MÜLLER

ARTES VISUAIS

50

SILAS MARTÍ

MÚSICA

55

MAURÍCIO RAHAL

ENSAIO

58

NAURO JÚNIOR

POESIA

66

MARIO BENEDETTI

EDITORIAL


“De todos os mistérios do universo, nenhum é mais profundo que o da criação”. A frase de Stefan Zweig pronunciada em conferência em Buenos Aires, a convite de Jorge Luis Borges, é um bom ponto de partida para falar de Eduardo Galeano. Seus livros trazem o segredo da busca incessante dos sonhos de uma geração, que parece ter acordado em meio ao pesadelo que pairava na América Latina daqueles anos de chumbo.

O jovem Galeano, na década de 1960, escrevia na contracorrente do sistema. Quando era editor do jornal uruguaio *Marcha*, publicava textos que tentavam recuperar a memória histórica dos povos latino-americanos. Como tantos intelectuais na época, ele teve que se deslocar

para outro continente, passar por um tempo de amargo silêncio, imposto pela ditadura militar.

Mesmo sabendo que toda obra precisa de um distanciamento crítico para ser melhor interpretada, também fui pego de surpresa quando Galeano confessou publicamente que hoje não leria mais *As Veias Abertas da América Latina*, o livro que em 1971 o alçou ao panteão dos grandes escritores. A frieza de Galeano na entrevista à imprensa durante a Bienal do Livro de Brasília, ano passado, soou como um desabafo diante de uma América Latina transformada.

O Memorial da América Latina teve o privilégio de contar com o talento de Eduardo Galeano entre seus



principais colaboradores fora do Brasil, relação iniciada por sua amizade com o jornalista e escritor brasileiro Eric Nepomuceno, ex-editor da revista *Nossa América*. Por muitos anos, Galeano integrou o conselho editorial da revista, escreveu artigos e foi personagem de entrevistas. Ele está de volta, nesta edição, para ser reverenciado com a republicação de alguns dos seus textos, numa homenagem que também abre o leque para outras percepções de sua obra.

A paixão de Galeano pelo futebol, analisada por José Roberto Torero. Sua preocupação com o meio ambiente - que inspirou o cineasta Silvio Tendler a produzir o documentário *O Veneno está na Mesa* -, e aqui é o tema da repórter Tânia Rabello.

A argentina Margarita Victória Gomes, doutora em educação, comenta a reflexão de Galeano sobre a escolarização da mulher na América Latina. A literatura e a política são analisadas pelo escritor Pedro de La Hoz, vice-presidente da União dos Escritores e Artistas de Cuba.

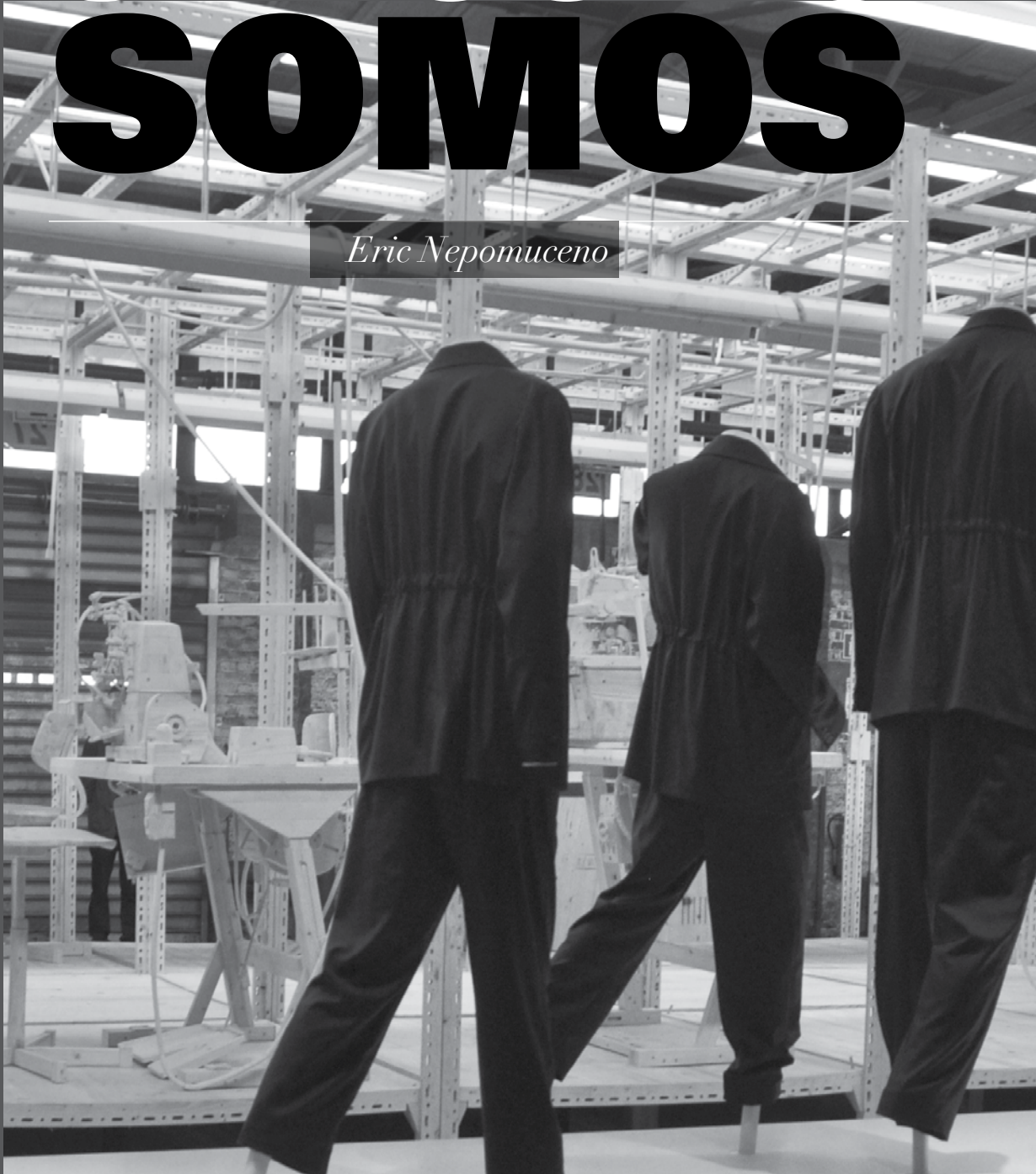
Também vamos falar do Uruguai, um país de pequenas dimensões, mas que gerou nomes seminais da cultura universal como o pintor Joaquín Torres García e os escritores Mário Benedetti e Juan Carlos Onetti, entre tantos outros.

Boa Leitura!

João Batista de Andrade é Diretor-Presidente da Fundação Memorial da América Latina.

SER COMO SOMOS

Eric Nepomuceno





Eduardo Galeano nasceu em Montevideu, em 1940, e foi um dos mais ativos e prestigiados jornalistas de seu país até tornar-se, em 1972, com a publicação do ensaio *As Veias Abertas da América Latina*, um dos mais importantes autores de sua geração no Continente. Este livro converteu-se em um dos maiores êxitos de vendas nos anos 1970 e 80, tendo sido traduzido para mais de 20 idiomas e editado em mais de 50 países. Depois de ter se dedicado ao conto (*Vagamundo*) e ao romance (*A Canção de Nossa Gente*), Galeano concentrou-se principalmente na tarefa de reconstruir a história da

América Latina, em uma alentada trilogia – *Memória do fogo (Os nascimentos, As caras e as máscaras e O século do vento)* –, que obteve enorme êxito e se tornou objeto até mesmo de congressos e seminários em países europeus e nos Estados Unidos. Foi o diretor da revista *Crisis*, de Buenos Aires, entre 1973 e 1976, quando a publicação era considerada a mais importante e combativa dos periódicos culturais da América Latina. Obteve em duas ocasiões – em 1975, com o romance *A Canção de Nossa Gente*, em 1978, e com o depoimento *Dias e Noites de Amor e de Guerra* – o prêmio Casa de las Américas, de Cuba.

Em 1990, publicou seu livro mais recente – *O Livro dos Abraços* –, editado também nos Estados Unidos, Brasil, Holanda, França, Itália e Alemanha, além dos países de idioma espanhol. São a exemplo do que ele havia feito em sua trilogia, pequenos textos reconstruindo, por meio de histórias pessoais e de amigos, um mosaico da nossa realidade.

Atento e aguçado observador do nosso tempo, Eduardo Galeano fala, nessa entrevista, sobre sua obra e sobre as coisas do mundo, nesse atribulado fim de século.

N.A. – *Desde Dias e Noites de Amor e de Guerra, seu livro de depoimentos lançado em 1978, toda sua obra vem sendo escrita em um mesmo formato: os pequenos textos, como crônicas breves, pinceladas fugazes. A que se deve essa opção, essa mudança na estrutura formal?*

E.G. – Acho que é uma tentativa de recuperar a unidade perdida. É como se eu recolhesse os pedacinhos para juntá-los e fizesse alguma coisa com eles. Creio que a cultura dominante nos quebra em pedacinhos o tempo todo, e quebra também nossa memória e nossa visão da realidade. Então, escrever da forma que faço implica a recuperação da unidade desses fragmentos, que vão se integrar dentro do leitor. O autor entrega ao leitor os fragmentos, e gostaria de estimular nele sua

capacidade criadora. Como quem diz ao leitor: aqui estão os tijolos para que você construa a sua casa do jeito que quiser.

N.A. – *Ou seja, você fragmenta o texto de propósito, e oferece essa fragmentação como forma de integração.*

E.G. – Mais que fragmentar o texto, na verdade o que me proponho é recolher os pedacinhos de uma imagem da realidade que já vem quebrada.

N.A. – *E quem quebrou essa imagem da realidade?*

E.G. – Um sistema que quebra tudo o que toca. O sistema que separa a alma do corpo, o passado do presente, o discurso público do privado, a emoção da razão. Enfim, que separa as pessoas entre si, divorcia o tempo presente do tempo passado e cada pessoa de todas as demais. Dentro de cada um de nós, habitantes do nosso tempo, é muito difícil reconstruir a unidade do olhar. Tudo tende a romper essa unidade. Basta você ler o jornal, por exemplo, para notar que a informação que está sendo oferecida se refere a coisas desconectadas entre si. É como se não houvesse uma relação entre as coisas que ocorrem em diferentes países do mundo, ou mesmo entre setores sociais de um país. Acontece a mesma coisa quando nos ensinam história.

N.A. – *Você poderia, então, dar um exemplo de quem trabalha como você, procurando a unidade através de fragmentos?*

E.G. – Cortázar, acho. De certo modo, ele foi um precursor importante nesse tipo de tarefa. Ou, antes dele, a célebre trilogia de John dos Passos, uma contribuição de altíssimo talento. Há outros, com certeza. Mas eu também não sei se vou continuar trabalhando dessa forma. Até agora, foram cinco livros...

N.A. – *Deles, pelo menos um – Dias e Noites, o primeiro do ciclo – é uma espécie de diário íntimo. Depois veio a trilogia, uma longa viagem já não tão íntima, uma espécie de diário coletivo. Agora, com o Livro dos Abraços, você volta ao tom pessoal. Por quê?*

E.G – De certa forma, o que tentei fazer é conversar com minha memória e com a memória de todos. A fronteira que separa minha memória da memória dos demais costuma ser nebulosa, a tal ponto que muitas vezes, enquanto escrevia *Memória do Fogo*, eu sentia que estava escrevendo minha autobiografia. Estava escrevendo coisas que se referiam aos meus amores e às minhas fúrias mais profundas. Ao contrário, muitos textos de *O Livro dos Abraços* ou de *Dias e Noites*, que são textos que nascem como uma espécie de confissão autobiográfica revela uma espécie de vocação coletiva que as autobiografias não costumam ter. Isso talvez se deva ao fato de que eu gostaria de merecer, algum dia, o autoelogio que Juan Gelman brindou à poesia de Walt Whitman, dizendo: “O velho fala dele/ mas tem o eu cheio de gente”.

N.A – *Você tem um livro de contos, Vagamundo, de 1973. Um livro que teve muito êxito na época, muitas traduções. Depois, escreveu um romance, A Canção de Nossa Gente, que teve êxito similar e obteve o prêmio Casa de las Américas. E nunca mais voltou a escrever ficção. Por quê?*

E.G – É verdade, nunca mais. Agora, estou escrevendo textos mais próximos da ficção. Mas não trabalhei mais nesse gênero porque sinto uma fascinação tremenda pela capacidade de ficção da realidade. Não dá para competir com ela. A realidade é uma senhora muito louca. Que delira com um talento inimitável. Então, fica muito difícil, pelo menos para mim, imaginar coisas que superem o que a realidade oferece a cada dia, a partir de sua capacidade de poesia. Muitas vezes encontro, na realidade, histórias que me parecem impossíveis de serem imaginadas. Histórias que têm tamanho poder de síntese para expressar a realidade, para contá-la em suas dimensões escondidas que se torna inútil competir com elas a partir da imaginação.

N.A – *Mas, nessa linha que você*

adotou, não existe risco de tornar o trabalho um mero registro?

E.G – Não, porque não sou fotógrafo da realidade nem nunca quis ser. E, além disso, existem fotógrafos e fotógrafos. Não sou naturalista, não aspiro a reproduzir a realidade, e sim, recriá-la. Recriá-la com inteira liberdade poética, de tal forma que seus sons mais intensos e suas imagens mais poderosas possam ser transmitidos ao leitor e se multipliquem nele. Se eu me limitasse a copiar a realidade, a registrá-la, a traduzi-la sem modificações, isso não teria nenhum efeito multiplicador sobre a imaginação e sobre a memória e sobre a capacidade criadora de quem me lê. Seria um ato de consumo, a partir de uma reprodução passiva da realidade.

N.A – *Sobretudo a partir do êxito de As Veias Abertas da América Latina e de Memória de Fogo, sua obra ficou muito marcada e terminou por colocar você no papel de um dos porta-vozes da esquerda latino-americana. Essa identificação o pressiona? Como você encara isso?*

E.G – Não me incomoda. Eu diria até que me sinto muito orgulhoso quando me atribuem essa condição de ser um dos porta-vozes disso que é um sentimento, um pensamento coletivo. Mas acontece que não é verdade. Não sou porta-voz de nada, a não ser de minhas próprias angústias, minhas obsessões, minha própria e teimosa necessidade de viver com alegria. Acontece que essas angústias e obsessões, essa obstinada necessidade de fé na figura humana coincidem com o que muita gente pensa ou sente. E daí vem, acho, o equívoco que faz com que alguém considere alguém porta-voz de alguém. Mais que uma coincidência de respostas, sinto que existe uma coincidência de perguntas, de dúvidas.

N.A – *Você é identificado com o grupo de escritores que tem, na América Latina, uma postura política bastante nítida. Com todas essas mudanças que ocorrem no mundo, como é ser hoje um escritor de esquerda?*

E.G – Às vezes, me sinto como um dinossauro, um representante de uma idade perdida da Terra. Outras vezes me sinto desamparado, solitário. E, em outras, sinto o contrário: que essa crise, como toda crise, pode ser fecunda, e que no fundo o que está sendo enterado é a usurpação burocrática do socialismo, e não o socialismo. Eu pertencço a uma geração de escritores do Rio da Prata, que emergiu e atuou num período muito atormentado da vida do Uruguai e da Argentina, onde vivi a primeira parte do meu exílio (1972-1976). Muitos dos membros dessa geração de escritores ficaram pelo caminho – assassinados ou desaparecidos, ou condenados a se calarem para poderem sobreviver, o que é uma forma de crime ou suicídio. Reconheço que em muitas coisas essa geração se equivocou. Mas algum dia será preciso dizer, para desculpá-la ou compreendê-la, que, seja como for, terá sido sempre uma geração que se equivocou por paixão, pela paixão de crer e não por dinheiro. Creio que nós, escritores dessa geração, estivemos muito vinculados com todo o movimento popular e social que quis entrar na História com muito ímpeto. Cometeu muitos erros, mas agora vendo as coisas em perspectiva e em um momento de crise e desamparo, continua acreditando que é melhor se equivocar por paixão do que acertar por dinheiro. E o mundo que estão nos oferecendo, a partir da crise da esquerda, do desmoronamento do chamado “socialismo real” dos países do Leste, é o mundo que propõe a fé no dinheiro como única fé possível.

N.A – *Você disse que sua geração esteve vinculada a movimentos populares e sociais. Não está mais?*

E.G – As coisas mudaram muito. Agora, isso depende mais de cada pessoa. Sinto que existe menos ímpeto coletivo na tarefa intelectual. Nos anos 1960 havia mais. Agora, o ofício é mais

solitário, embora eu continue vinculado, em meu país, a movimentos, a grupos como o que edita o semanário *Brecha*, ou ao que está na prefeitura de Montevideú, a Frente Ampla. Ou seja, estou vinculado a tudo aquilo que para mim significa uma opção real de transformação, e me sinto orgulhoso e contente por fazer parte de algo mais importante do que eu. Mas reconheço também que no mundo contemporâneo os espaços de participação coletiva para o trabalho cultural, intelectual, são hoje muitíssimo mais limitados do que há 20 anos.

N.A – *Você diria que não existe mais aquela espécie de “espírito de grupo”?*

E.G – Na melhor das hipóteses, eu diria que é muito menor. Porque antes éramos como a espuma de uma onda, aquela massa de um movimento popular ascendente, que agora está em refluxo. Éramos, e de muitas formas ainda somos, uma geração muito latino-americanista. A diferença é que hoje sinto que a tal onda, da qual éramos a espuma, tem muito menos força. O refluxo, aliás, é universal, e em boa medida foi precipitado pelo fracasso escandaloso do modelo socialista nos países do Leste europeu: esse que era chamado de socialismo real, mas que eu chamo de burocracia real.

Seja como for, não há dúvida de que foi algo que teve uma incidência enorme sobre a esquerda latino-americana, sobre a esquerda em todo o mundo, principalmente no Terceiro Mundo. E agora o que ocorre é o contrário, simplesmente porque enfrentamos um mundo unipolar. Não existe um contrapeso para fazer frente ao que é chamado de Ocidente – os países ricos e poderosos que controlam o mundo em todos os aspectos, inclusive o cultural.

N.A – *No caso da cultura, como se dá esse controle? Há formas novas?*

E.G – Existe um fenômeno que

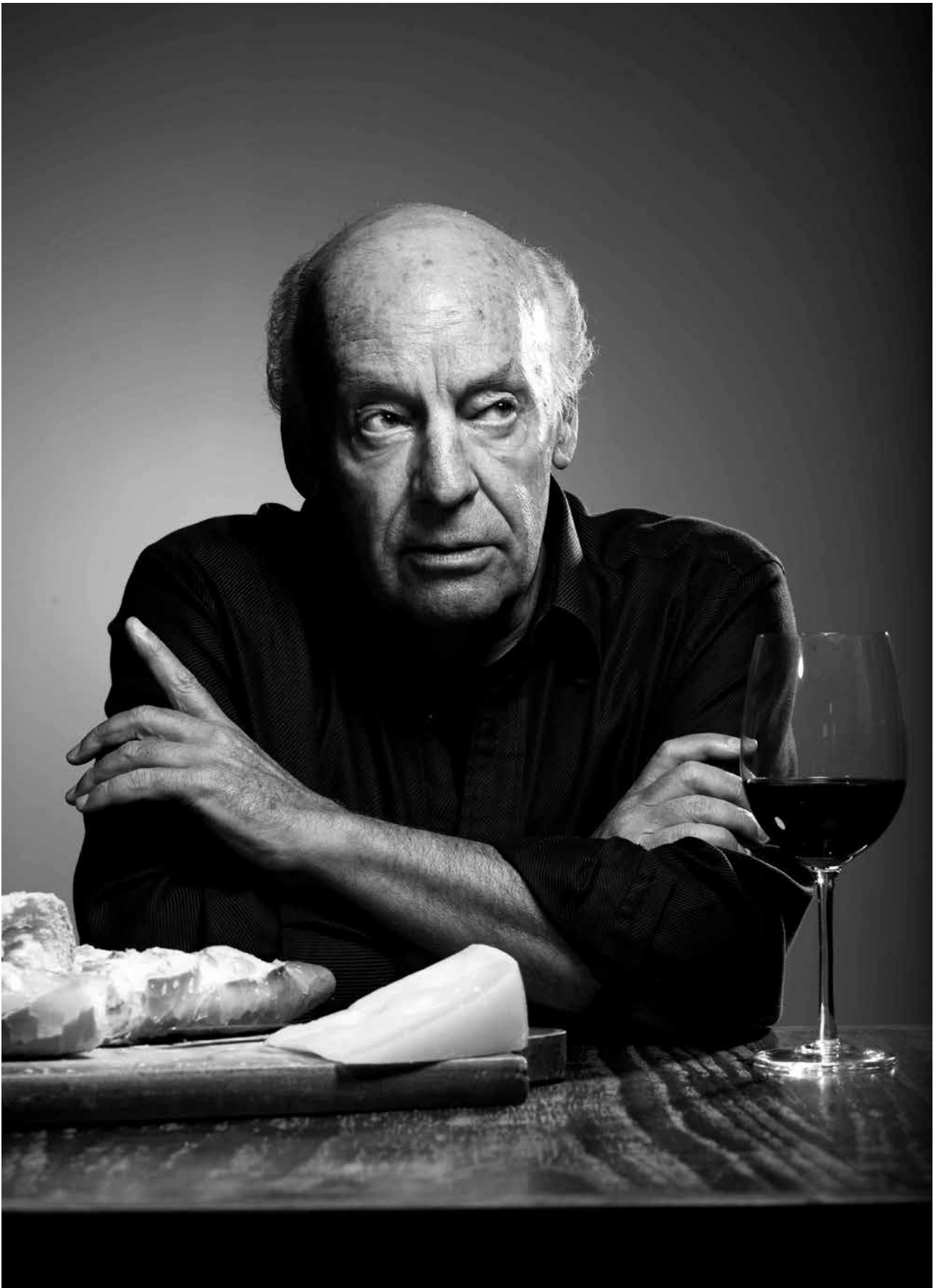


Foto: Divalgêrio

chamo de ditadura da imagem única, que é tão ou mais perigoso que a ditadura do partido único. Quando houve a guerra do Iraque, isso se tornou absolutamente claro, numa evidência de ferir os olhos: o mundo está condenado a uma imagem única. Recebemos, daquela guerra, as imagens que os grandes centros de poder, principalmente o Pentágono, quiseram que a humanidade recebesse. Não houve os 150 ou 200 mil mortos, porque a televisão não mostrou nenhum. E quando a televisão não mostra, não existe. Nos últimos 20 anos, há um despotismo da televisão no mundo, e isso não havia antes. Não foi previsto, é claro, por nenhum dos profetas do socialismo e das grandes lutas sociais que foram anunciadas no século XIX e comoveram o século XX. Esse fenômeno está, creio eu, derivando na ditadura da imagem única. Na distribuição das funções entre cavalo e cavaleiro, o que temos é um número cada vez maior de países trabalhando para outros poucos. E esses poucos vendem a todos os demais a imagem que lhes convém.

N.A – *O professor Antonio Candido classificou certa vez os anos 1960 como “os anos moços”. Essa classificação vale para os anos 1980 e 90?*

E.G – Acho essa expressão de Antonio Candido, como tantas outras dele, belíssima. “Os anos moços”... Tempos de solidária generosidade e de paixão. Confesso que sinto falta da maneira de viver, de pensar, de sentir, que foi o signo dominante da geração formada nos anos 1960. Mas muitas das vezes me calo na hora de dizer isso, porque compreendo que pode soar arrogante aos jovens de hoje. Arrogante e reacionário, como se fosse à opção pelo passado. A opção pelo passado implica de algum modo, uma negação do futuro, e acho que vivemos uma época que nos expõe a esse risco: con-

vida-nos continuamente à desesperança, a negar o futuro.

N.A – *E o que será viável nesses novos tempos?*

E.G – É o que me pergunto. Será somente acatar a vontade dos poderosos? Quais as alternativas que os países pobres têm, agora que acabou aquela espécie de contrapeso ao poder imperial do Ocidente? O que podemos visualizar como alternativa ao desastre que despenca nós, latino-americanos? A situação da América Latina é cada vez pior, a questão social é cada vez mais grave. Essa é uma região do mundo condenada a vender seus braços e o fruto de seus braços a preços cada vez mais baixos, dentro de uma estrutura de poder que atua da maneira mais feroz e implacável, e que tem a lei da usura como único fundamento. Será preciso que nos juntemos, para atuar como uma força única, nem que seja uma união motivada só pelo desespero. Claro que seria melhor juntar-nos a partir de esperanças compartilhadas, mas já que se tornou tão difícil acreditar nessas esperanças, vamos juntar-nos nem que seja a partir das desesperanças... Não acredito que a América Latina possa continuar aceitando, passiva, o papel que lhe coube na nova divisão do mundo: o de países párias.

N.A – *Como é, então, escrever? Para alguém como você, quais são os estímulos que o mundo de hoje oferece?*

E.G – Acontece que sou dos que acreditam que é possível ver o universo pelo buraco da fechadura. Ao longo de muitos livros, tentei resgatar a pequena história, porque creio que nessa história pequenina, a história verdadeiramente grande resplandece. Diria, então, que o que me consola são as pequenas coisas de cada dia. Há uma espécie de resgate da dimensão das coisas que se faz cada vez mais necessária na hora de reconstruir o diálogo com o mundo.

Díálogo, sem dúvida, muito ma-

chucado por tudo o que está acontecendo, essa espécie de desmoronamento da esperança em escala universal, e que passa a nos oferecer um mundo onde a humilhação parece ser o único destino possível, onde a capacidade de esperança torna-se cada vez mais difícil, mais complicada. Esse mundo de hoje me fere muito como escritor, porque afinal as palavras que a gente devolve aos outros vêm dos outros, e tudo o que acontece me mutila ou me multiplica, mas nunca me deixa intacto. O que faço é tornar a beber nas fontes mais próximas e nas menores, mais humildes.

N.A. – *E isso é bom?*

E.G. – Acho que sim. O ofício intelectual é muito arriscado, e um de seus riscos é o da arrogância. Há momentos em que corremos o risco de nos enrolarmos em grandes palavras. Creio que, no fundo, tudo isso pode ser também interpretado como uma grande lição de humildade, um remédio contra a arrogância que muitas vezes nos conduz a confundir a realidade com nossos desejos, ou a negá-la quando não se parece com eles, como se ela não fosse digna de nós. O que estamos vivendo é uma espécie de volta à realidade pela porta dos fundos. Porta pequena, modesta, mas que coincide em muitos

aspectos com minha visão do mundo. Sempre tentei resgatar essas minúsculas histórias do dia a dia, e elas continuam sendo bom pão para comer, boa água para beber. Assim, procurando, multiplico a certeza de que escrever vale a pena, de que não é uma paixão inútil. Sinto ainda e sempre a identificação com os que lutam, e tenho certeza de que as palavras vêm deles e a eles são devolvidas. Palavras que têm uma capacidade de vida, de multiplicação de vida. E isso me ajuda muito, porque todos os dias recebo confirmações de que o que escrevemos ajuda outros mais do que ajuda quem escreve. A capacidade de criação das pessoas, isso que os intelectuais, por desprezo, chamam de “gente comum”, continua dando respostas assombrosas. Apesar de toda a maquinaria montada no mundo contemporâneo para esterilizar a humanidade, continuo vendo cenas, ouvindo frases, notando gestos que confirmam que a aventura de viver vale a pena, e que o mundo não está condenado a ser um campo de concentração para a maioria da humanidade.

Eric Nepomuceno é jornalista, escritor e tradutor de espanhol com ênfase na literatura latino-americana.





Foto: Nauro Júnior

O ESCRITOR LANÇOU VEIAS ABERTAS AOS ARES

Leonor Amarante

“Essa prosa da esquerda tradicional é chatíssima. Meu físico não aguentaria. Eu cairia desmaiado se tivesse que ler novamente o livro”. Se não fossem palavras saídas da boca do próprio autor, pouca gente acreditaria que Eduardo Galeano estava falando de sua obra-ícone, *As Veias Abertas da América Latina*, livro lançado com grande furor em 1971 e logo incensado como referência do pensamento da esquerda latino-americana.

A intelectualidade presente à Bienal do Livro de Brasília naquele 11 de abril de 2014 – exatos um ano e três dias antes da morte de Galeano – foi pega de surpresa, ou não entendeu o desabafo autocrítico do escritor e jornalista uruguaio que, com 31 anos, denunciava a exploração econômica e a dominação política da América Latina desde a colonização europeia até o início dos anos 1970, quando ele terminou de escrever o livro. Eram tempos de ditadura militar no continente e as veias expostas por Galeano foram censuradas na Argentina, Brasil, Chile e no Uruguai. Teve respaldo apenas do regime de Cuba. Logo, foi preso em seu país para, em seguida, exilar-se na Argentina e depois, na Espanha.

O auditório da Bienal, onde se realizava a entrevista coletiva, ficou atônito. Mais ainda quando Galeano, para justificar sua postura, admitiu que quando escreveu o livro “não tinha conhecimentos suficientes de economia nem de política”. Disse, também, que não se arrependeu de ter lançado o livro justamente quando pipocavam convulsões e enfrentamentos políticos, sociais e ideológicos na América Latina. “Essa foi uma etapa superada”, afirmou, lembrando que, à época, era jornalista no Departamento de Publicações da Universidade de la República e trabalhou durante quatro anos em pesquisas e coleta de informações para escrever o livro, o que demandou mais quatro meses até a sua publicação.

Para mim, a manifestação de Galeano na Bienal de Brasília desvendou definitivamente o emblemático comportamento dele durante a posse do presidente do Paraguai, Fernando Lugo, em 2008, quando o encontrei pela última vez. Eu estava lá a convite do crítico de arte, Ticio Escobar, ministro da Cultura do novo governo. Conversamos sobre o Memorial, trocamos

lembranças dos tempos em que Galeano foi colaborador e pertencia ao conselho editorial da *Revista Nossa América*. Quando tentei mudar o tema para as questões da América Latina, Galeano se esquivou: “Você está fazendo uma entrevista?” Disse que não e justifiquei minha curiosidade pelo fato de Lugo ser uma das esperanças da esquerda na época. “Não quero falar sobre a América Latina. Tudo mudou e com certeza



Foto: Naurio Júnior

“você também”. Falou em tom incisivo, percebi sua contrariedade, pedi licença e fui buscar um vinho.

No episódio da Bienal de Brasília compreendi o que passara naquele dia em Assunção. Galeano assumiu postura objetiva ao falar dos períodos políticos do passado. “Em todo o mundo, experiências de partidos políticos de esquerda no poder às vezes deram certo, outras não e muitas vezes foram demolidas como castigo por estarem certas, o que deu margem a golpes de Estado, ditaduras militares e períodos prolongados de terror, com sacrifícios e crimes horrorosos cometidos em nome da paz social e do progresso. Em alguns períodos, é a esquerda que comete erros gravíssimos”, completou.

Leonor Amarante é jornalista, curadora e editora da Revista Nossa América.

USE-O E JOGUE-O

Eduardo Galeano



Foto: Reprodução

A sociedade de consumo consome fugacidades. Coisa, pessoas: as coisas, fabricadas para não durar, morrem ao nascer; e há cada vez mais pessoas jogadas no lixo desde que chegam à vida. As crianças abandonadas nas ruas da Colômbia, que antes eram chamadas de *gamines*, agora são chamadas de

descartáveis e estão marcadas para morrer. Os numerosos ninguéns, os fora de lugar, são “economicamente inviáveis”, segundo o linguajar técnico. A lei do mercado os expulsa, por superabundância de mão-de-obra barata. O norte do mundo gera lixo em quantidades assombrosas. O sul do mundo gera marginalizados. Que destino têm as sombras

humanas? O sistema convida a desaparecer. Diz a elas: “Vocês não existem”.

O que faz o norte do mundo com suas imensidões de lixo venenoso para as pessoas? Envia-as aos grandes espaços vazios do sul e do leste pela mão de seus banqueiros, que exigem liberdade para o lixo a troca de créditos, e pela mão de seus governos, que oferecem subornos.

A organização Greenpeace demonstrou que a Alemanha gastaria mil marcos neutralizando cada tonelada de resíduo perigoso, mas gastando apenas cem os exporta para a Rússia ou para a África. Os vinte e quatro países desenvolvidos que formam a Organização para a Cooperação no Desenvolvimento Econômico do Terceiro Mundo produzem 98% dos resíduos venenosos de todo o Planeta. Eles cooperam para o desenvolvimento dando de presente ao Terceiro Mundo sua merda radioativa. E o outro lixo tóxico que não sabem onde meter. Proíbem a importação de substâncias contaminantes e as derramam generosamente sobre países pobres. Fazem com o lixo a mesma coisa que os pesticidas e os adubos químicos proibidos em casa: exportam-nos para o sul, com outros nomes. Boa parte do lixo norte-americano que é descarregado sobre o México chega embrulhado em “projetos de desenvolvimento” ou disfarçadas de “ajuda humanitária”, e não é por acaso que a zona fronteira é a mais contaminada do Planeta e o rio Bravo o mais envenenado do mundo. Embora a maior parte do lixo entre em contrabando, a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos reconhece que o México recebeu legalmente, em 1992, 72 mil toneladas de detritos tóxicos de seu vizinho. Sete vezes mais que no ano anterior e quem sabe quantas vezes menos que nestes novos tempos de fronteira aberta.

O presidente da Argentina, Carlos Menem, oferece: “Aqui”, diz ele, “temos muito lugar”. A lei argentina impede a entrada de resíduos perigosos, mas,

para resolver esse probl eminha, basta um certificado de inocuidade outorgado pelo país que quiser se livrar deles.

O planeta? Use-o e jogue-o fora. No reino de efêmero, tudo se converte imediatamente em ferro velho. Para que melhor se multipliquem a demanda, as dívidas e os lucros, as coisas se esgotam num piscar de olhos, como as imagens que são disparadas pela metralhadora da televisão e as modas e os ídolos que a publicidade lança no mercado. O modelo do ano passado é uma antiguidade de museu.

O direito ao desperdício, privilégio de poucos, diz ser a liberdade para todos. Diz-me o quanto consumes e te direi quanto vales, proclama o norte do mundo, e os televisores, os pastores eletrônicos, difundem o evangelho da modernização. A dor de já não ser, que o tango cantava outrora, deixa lugar para a vergonha de não ter; e o sul, lixeira do norte, faz o possível para se converter em sua caricatura.

Mas a sociedade de consumo convida a uma festa que é proibida para oitenta por cento da humanidade. As fulgurantes borbulhas se estraçalham contra os altos muros da realidade. A pouca natureza que resta ao mundo, maltratada e à beira do esgotamento, não poderia sustentar o delírio do supermercado universal; afinal, a grande maioria das pessoas consome pouco, pouquinho e nada necessariamente, para assegurar o equilíbrio da economia mundial através de seus braços baratos e de seus produtos a preço de queima final: braços e produtos que cada dia valem menos enquanto a tecnologia suprime mão-de-obra e substitui matérias-primas nos laboratórios. Num mundo unificado pelo dinheiro, a modernização expulsa muito mais gente do que integra.

Para uma inumerável quantidade de crianças e jovens latino-americanos, o convite ao consumo é um convite ao delito. A publicidade os deixa com a boca cheia d’água, e a polícia os expulsa da mesa. O sistema nega o que oferece;

e não há *Valium* que possa adormecer essa ansiedade, nem *Prozac* capaz de apagar esse tormento. A luta social aparece nas páginas policiais dos jornais, tanto ou mais que nas páginas políticas e sindicais.

O mundo do fim do século viaja com mais náufragos que navegantes, e os técnicos denunciam o “excedente de população” no sul, onde as massas ignorantes não sabem fazer outra coisa senão violar o sexto mandamento dia e noite. “Excedentes de população” no Brasil, onde há 17 habitantes por quilômetro quadrado, ou na Colômbia, onde há 29? A Holanda tem quatrocentos habitantes por quilômetro quadrado nenhum holandês morre de fome; mas no Brasil e na Colômbia um punhado de vorazes fica com todos os pães e com todos os peixes.

Há cada vez mais crianças marginalizadas que, pelo que os especialistas suspeitam, “nascem com tendências ao crime e à prostituição”. Elas

integram o setor mais perigoso dos “excedentes de população”. A criança como ameaça pública, a conduta anti-social do menor na América, é tema recorrente nos Congressos Panamericanos da Criança desde 1963.

Leila tem 14 anos. Criou-se ao deus-dará, nas ruas do Rio de Janeiro. Ela não chora nunca. Ou melhor: chora pra dentro, e as lágrimas guardadas fizeram um charco de veneno em sua alma. “Todos roubam”, diz. “Eu roubo e me roubam.” Se trabalha, é roubada. Se não trabalha, a polícia rouba o que ela rouba e, além disso, roubam seu corpo.

A muitas crianças roubam também a vida. De acordo com o arcebispo de São Paulo, cinco crianças são assassinadas por dia nas ruas das cidades brasileiras. De acordo com a organização Justiça e Paz, são crianças boa parte dos quarenta descartáveis que a cada mês são assassinados nas ruas das cidades colombianas.



Foto: Reprodução

Os esquadrões da morte, quase sempre formados por policiais sem uniforme, não deixam pista. Ninguém fica sabendo; a terra engole os assassinos e também engole as vítimas. Muito raramente a regra da impunidade dos grupos de extermínio é quebrada e muito raramente o silêncio é rompido. Os treze policiais que haviam assassinado sessenta indigentes na cidade colombiana de Pereira não foram jamais submetidos à justiça penal, mas excepcionalmente sofreram “sanções disciplinares”; e a matança dos meninos de rua que a polícia metralhou nos portais da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, excepcionalmente sacudiu por um instante a opinião pública.

No começo do século, o cientista inglês Cyril Burt propôs que se eliminasse os pobres muito pobres “impedindo a propagação da sua espécie”. No final do século, o Pentágono anuncia a renovação

de seus arsenais, adaptados às guerras do futuro, que terão como objetivo os motins de rua e os saques; e em algumas cidades latino-americanas, como Santiago do Chile, já existem câmaras de televisão vigiando algumas ruas.

O sistema está em guerra contra os pobres que fabrica e trata os mais pobres como se fossem lixo tóxico. Mas o sul não pode exportar para o norte esses resíduos perigosos, que se multiplicam a cada dia. Não existe maneira de “impedir a propagação de sua espécie” nem é possível mantê-los escondidos, embora os descartáveis não existam na realidade oficial: a população marginal que mais cresceu em Buenos Aires chama-se Cidade Oculta; chamam-se Cidades Perdidas os bairros de lata e papelão que brotam nos barrancos e nas lixeiras dos subúrbios da Cidade do México.

Não faz muito tempo, os descartáveis colombianos emergiram de debaixo das pedras e se juntaram para gritar. A manifestação explodiu quando se soube que os grupos de limpeza social matavam indigentes para vendê-los aos estudantes de medicina que aprendem anatomia na Universidade Livre de Barranquilla.

E então Buenaventura Vidal, contador de causos, contou-lhes a verdadeira história da Criação. Diante dos vomitados do sistema, Buenaventura contou que para Deus sobravam pedacinhos de tudo que criava. Enquanto nasciam suas mãos o sol e a lua, o tempo, o mundo, os resíduos que sobravam. Mas Deus, distraído, se esquecerá da mulher e do homem, que esperavam lá no fundo do abismo, querendo existir. E diante dos filhos do lixo, Buenaventura contou que a mulher e o homem não tiveram outro remédio a não ser se fazerem por conta própria, e por isso nós, nascidos do lixo, temos todos algo do dia e algo da noite, e somos um pouco e um pouco água e um pouco vento.



FUTEBOL

AO SOL E À SOMBRA

José Roberto Torero

Eduardo Galeano ficou conhecido por *As veias abertas da América Latina*, publicado em 1971. Eu mesmo li este livro na adolescência e o impacto foi gigantesco. Se sou de esquerda até hoje, o mérito, ou a culpa, dependendo do gosto do leitor, é em boa parte deste sujeito.

Mas três anos antes, em 1968, ele foi o organizador de um livro sobre um assunto bem diferente. *Su majestad el fútbol* foi um pequeno livro com cerca de 120 páginas, com textos de 17 escritores selecionados por Galeano. Entre estes estavam atletas literários do porte de Horacio Quiroga, Mario Benedetti, Albert Camus e Thiago de Mello.

Não havia um texto de Galeano. Ele não se autoescalou. Fez apenas um prefácio de duas páginas e meia. Mas neste pequeno espaço ele deu uma bela cutucada nos intelectuais de esquerda, dizendo, já naquele tempo, que era um erro colocar a culpa da alienação do povo no futebol.

Curiosamente, no final daquele prólogo, Galeano diz: “Os touros tiveram seu

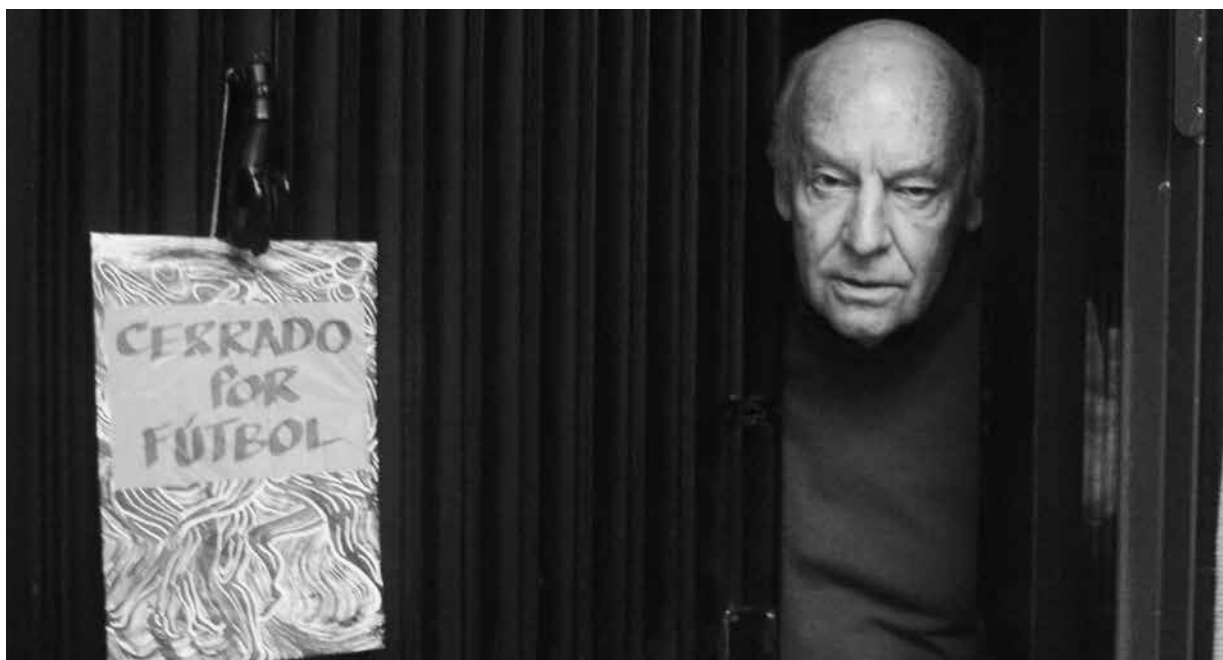
Hemingway. O futebol espera ainda o grande escritor que se lance em seu resgate.”

Vinte e sete anos depois, o próprio Galeano tornou-se este escritor ao lançar *Futebol ao sol e à sombra*.

O livro começa pelo começo: fala dos primeiros jogos na antiga China, passa pela Europa medieval e chega à América pré-colombiana. Depois começa a contar sobre os grandes jogadores da década de 1910 e cronologicamente vai enfileirando personagens e causos do nascimento do futebol.

Algumas destas histórias são totalmente novas até para os mais enciclopédicos cronistas esportivos. Por exemplo, o fato de, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, o capitão inglês Nevill saltar de sua trincheira chutando uma bola em direção às trincheiras alemãs. Capitão, que, ironicamente, foi morto por outra bola, de canhão.

Galeano ergue sua obra utilizando a mesma engenharia com que realizou sua melhor obra (na minha opinião): a trilogia *Memórias do fogo*. Ele sobrepõe



Ao lado: Durante os jogos da Copa do Mundo no Brasil, Eduardo Galeano passou todos os dias fechado em sua casa em Montevideo assistindo aos jogos e atendendo excepcionalmente algumas pessoas como o fotógrafo Nauro Júnior, autor dessa foto. Abaixo: Pelé em uma de suas jogadas geniais em jogo da seleção brasileira.



tijolos de dois tipos: fatos importantes e fatos poéticos. E usa como cimento suas opiniões e seu lirismo, nunca caindo no piegas ou num criticismo vazio.

Na primeira metade do livro, a coisa mais saborosa são as histórias que ele conta sobre jogadores pouco conhecidos no Brasil, como o grande Ricardo Zamora, goleiro espanhol que bebia conhaque e fumava três maços de cigarros por dia, Josep Samitier, que assinou seu contrato em troca de um relógio luminoso e um terno com colete, Abdón Porte, que se suicidou por ficar na reserva, José Leandro de Andrade, que teria atravessado meio campo com a bola na cabeça, e José Pien-dibene, que não comemorava seus gols para não ofender os adversários.

Neste começo ele cria personagens míticos, grandiosos, emblemáticos.

Mas há alguns erros de informação. Por exemplo, Galeano diz que, quando acabou a final da Copa de 1958, o Brasil deu a bola a seu torcedor mais devoto, o massagista negro Mário Américo. Não é verdade. Mário Américo roubou a bola do juiz, a mando de Paulo Machado de Carvalho, e a bola não ficou com ele. Também afirma que Friedenreich fez mais gols que Pelé, enquanto ele marcou “apenas” a metade. Porém, Galeano termina seu texto sobre Friedenreich dizendo que, depois dele, o futebol brasileiro abandonaria os ângulos retos e seria “como as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemeyer”. Por esta bela comparação, perdoa-se tudo. Afinal, não se constroem mitos, nem literatura, sem um tanto de invenção, exagero e mentira.

Muitas vezes o tom de alguns contos, que transformam pequenos fatos em fatos simbólicos e poéticos, lembra o tom de Carlos Drummond de Andrade em *Contos Plausíveis*. Mas Galeano também se aproxima de outro brasileiro: Nelson Rodrigues. Vejam se expressões

como estas não poderiam ser do célebre torcedor do Fluminense:

- “suas pernas eram um mapa de cicatrizes”,
- “ninguém podia parar aquele redemoinho que derrubava jogadores como se fossem bonecos de trapo”,
- “dava passes por um buraco de agulha”,
- “Martino entrou na área sossegado que nem boi no pasto”,
- e “a rede era a renda de noiva de uma menina irresistível”.

Outra coisa interessante é que o futebol jamais é visto como algo solitário, independente do resto do mundo. Galeano, quando fala de uma Copa, sempre explica a época, contextualizando a competição e colocando-a em oposição ou como consequência do que acontece no planeta.

Na segunda metade do livro, o tom muda. Se na primeira tivemos odes aos grandes craques, como Di Stéfano, Garrincha, Zizinho, Pelé, Julio Pérez Pataloca, Nilton Santos, Didi, Yashin, Uwe Saller e Stanley Matthews, na etapa final ele torna-se mais ácido, e fala de personagens que estragaram o futebol, como o ditador chileno Alfredo Stroessner (que se fez presidente do Colo-Colo, time mais popular do país), de Jesús Gil y Gil (presidente do Atlético de Madrid ligado a Franco), de João Havelange, de Carlos Alberto Lacoste (homem forte da Argentina na Copa de 78) e de Guilherme Cañedo, presidente da mexicana Televisa. Fosse o livro mais recente, e não de 1995, falaria de José Hawilla, de José Maria Marin, de Ricardo Teixeira.

Enfim, misturando lirismo, crítica, personagens míticos e malditos, o livro acaba sendo o que pretendia Galeano, uma “homenagem ao futebol, celebração de suas luzes, denúncia de suas sombras”.

José Roberto Torero é jornalista, analista de futebol e articulista.



GARRINCHA



GENTO



PLATINI



JULIO PÉREZ



ROMÁRIO



BAGGIO



ZIZINHO



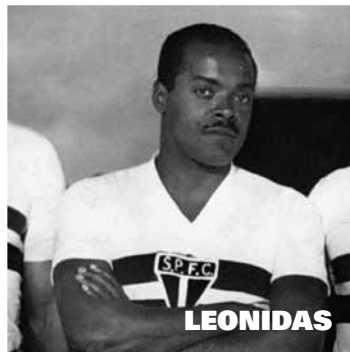
BECKENBAUHER



NILTON SANTOS



FRIEDENREICH



LEONIDAS



JAIRZINHO



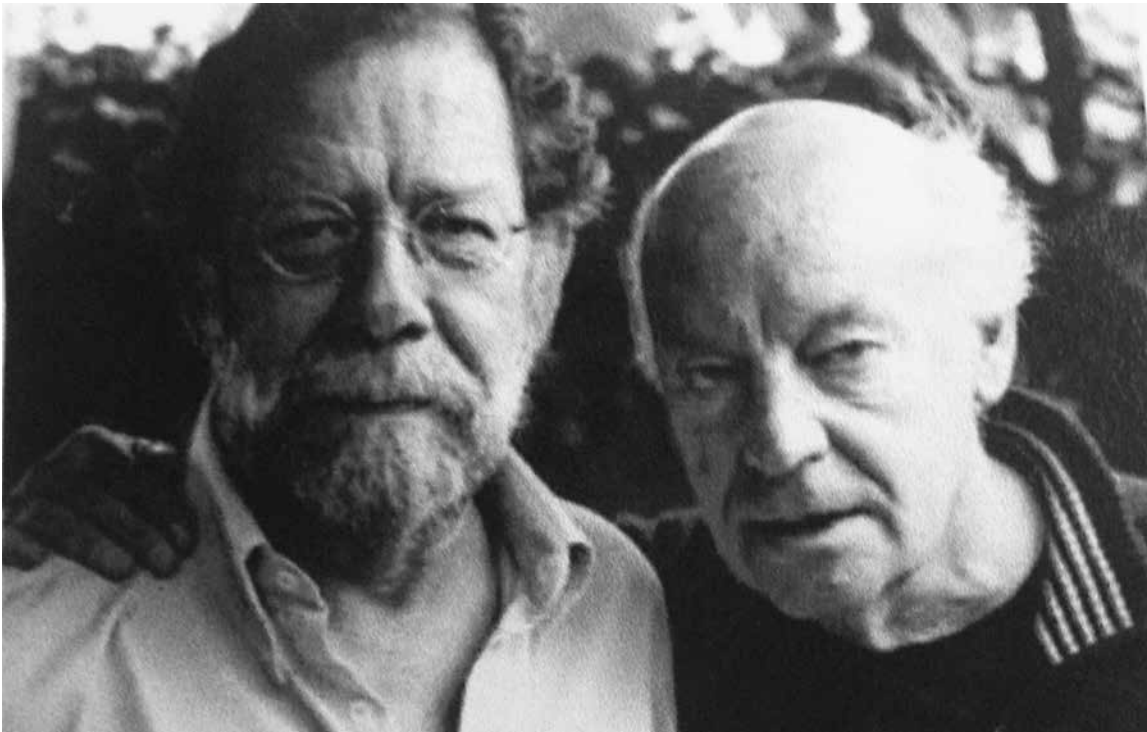
DI STEFANO

O MELHOR DE TODOS NÓS

Eric Nepomuceno

Quando Eduardo Galeano morreu sua terceira morte – das duas anteriores ele conseguiu voltar –, me perguntaram várias vezes, qual a imagem, a lembrança mais forte, que eu tinha dele. E minha resposta não variou: ele era alguém tão presente, tão decisivo em minha vida que a lembrança mais forte era a de mim mesmo desde que nos conhecemos e ao longo de 42 anos. Mais, bem mais que a metade da minha vida.

Quando nos conhecemos eu tinha 24 anos. Quando ele se foi, 66. E digo que é impossível dissociar sua imagem das minhas lembranças de mim, porque Eduardo, além de presença permanente, mudou meu próprio rumo, o rumo da minha vida.



Até uma incerta noite de março ou abril de 1973, nunca tinha ouvido falar dele. Eu havia chegado a Buenos Aires pouco antes, em fevereiro, para uma temporada de duração indefinida, mas que seria longa. *As Veias Abertas da América Latina* tinha sido publicado dois anos antes, começava a se transformar num sucesso palpável, mas eu não havia lido.

Foi então que, num desses acasos do destino, se é que eles existem, entrei na redação ainda incipiente daquela que pouco depois viria a ser a revista *Crisis*, e que seria, em seu tempo, a mais importante publicação cultural da América Latina. Aliás, até hoje não surgiu nada sequer parecido, em termos de qualidade, peso, influência e importância.

Crisis foi lançada em maio de 1973, tempos de convulsão e esperanças na Argentina. Congregou o melhor de uma cultura que se propunha a revelar, para as nossas comarcas, as janelas para que fosse exposto um pensamento próprio, uma cultura própria e ser um espaço

para que discutíssemos nossos próprios problemas, buscando nossas próprias soluções. Uma espécie de espelho onde os latino-americanos pudessem ver o seu verdadeiro rosto e não o rosto alheio que deveria servir de modelo.

Só que, naquela noite em que conheci Galeano, eu não tinha a menor ideia de nada disso. Para mim, seria apenas uma revista cultural e eu era só um jovem repórter à procura de algum trabalho. Pois ganhei trabalho e ganhei mais: um irmão mais velho, que me acompanhou até o fim e que, de uma forma ou de outra, continuará sempre ao meu lado.

Aqueles dias eram de extrema agitação em Buenos Aires. E é preciso recordar, ainda que de maneira muito breve e superficial, o que se vivia por lá e nas vizinhanças. No Uruguai, o governo de Juan María Bordaberry estava prestes a tornar-se uma ditadura com o presidente servindo de fantoche dos militares. No Brasil, a transição entre dois generais de plantão – Emilio Médici e

Eric Nepomuceno, jornalista e tradutor da obra de seu amigo Eduardo Galeano

Ernesto Geisel – era a garantia de que tudo seguiria igual. A Bolívia havia visto como terminava, rapidamente, a aventura do progressista Juan José Torres e tudo voltava à amarga rotina de sempre, com o sinistro Hugo Banzer. No Paraguai, Alfredo Stroessner, continuava à frente da ditadura instaurada por ele mesmo 19 anos antes.

Nas vizinhanças, havia duas reservas de sonhos para a esquerda sul-americana: o Chile de Salvador Allende, e o Peru que um general de esquerda, Juan Velasco Alvarado, estava revelando aos peruanos, com uma reforma agrária radical, nacionalizando as minas e os bancos, promovendo uma profunda reforma educacional.

Nesse panorama, a Argentina feria. O peronismo prometia seguir a linha das reformas que buscavam justiça social.

Em março de 1973 Héctor Cámpora, o dentista bonachão que era também o representante pessoal de Juan Domingo Perón, que continuava proscrito da vida política argentina, foi eleito presidente. Quando assumiu, no dia 25 de maio, a cidade explodiu em festa – uma tensa festa. Estavam presentes dois presidentes, o de Cuba, Osvaldo Dorticós, e o do Chile, Salvador Allende. Um milhão de pessoas se concentraram na Praça de Maio. E de noite, umas trinta mil, marcharam até o cárcere de Villa Devoto para libertar os presos políticos da ditadura que terminava.

Buenos Aires se transformou, num instante, em foco de atenções e expectativas. E, por isso mesmo, num ponto para o qual convergiam artistas, intelectuais e militantes de todas as latitudes. Nesse agitado cenário, *Crisis* era passagem obrigatória, ou quase, de todos eles.

A primeira impressão que guardo de Eduardo Galeano é a de alguém impetuoso, intensamente vital, com uma inteligência aguda e veloz e um enorme conhecimento da nossa realidade. Era obcecado pela América Latina, sua história oculta, negada.

Logo depois de nosso primeiro encontro li *Vagamundo*, um livro de contos que se tornou um êxito de vendas na Argentina e em pouco tempo desandou a ser editado em outros países do continente. E só então fui ler *As Veias Abertas*. De imediato entendi as razões que fizeram, principalmente no contexto em que vivia todos os países latino-americanos naquela etapa, que o livro se tornasse uma referência obrigatória e suas vendas se multiplicassem de maneira incessante. Era exatamente o que o autor tinha se proposto, algo tão raro em nosso ofício. E o que o autor tinha se proposto era nada menos que nos ensinar a reler nossa história a partir de outro ângulo: a partir do ponto de vista dos humilhados, dos derrotados, e não aquela história construída, mentida e contada pelos vencedores.

Passados esses anos todos e tantos, me atrevo a crer que, se para mim, aqueles foram tempos de revelação e assombro, para Eduardo foram tempos de consolidação e ampliação – consolidação de tudo que foi vivido até ali, e ampliação de seu olhar sobre o mundo e a vida.

Em poucos anos – entre março de 1973 e de 1976 – o cenário político mudou radicalmente na América do Sul. Caiu à democracia uruguaia, caiu o sonho chileno de uma via pacífica e constitucional para o socialismo, caiu o sonho peruano de resgatar o Peru para os marginalizados de sempre.

Depois do golpe de março de 1976, que instaurou na Argentina a mais sangüinária e brutal das ditaduras contemporâneas em nossas comarcas, não restou a Galeano outra saída que partir para um segundo exílio. No começo, ele chegou a pensar em se instalar no Rio de Janeiro. Amigos brasileiros, como Darcy Ribeiro, o jornalista Galeno de Freitas e Chico Buarque de Hollanda mostraram a ele que a ideia, naquele momento, era, além de arriscada, inviável. O próximo destino,

então, foi à Espanha. Eduardo e Helena se instalaram em Calella, uma praia vizinha a Barcelona. Martha e eu, em Madri. Para trás ficaram os sonhos desfeitos, o terrorismo de Estado implantado em todo o cone sul das Américas, amigos desaparecidos, amigos mortos. Eduardo sabia disso na carne, na alma. Acima de tudo, porém, pensava na vida pela frente.

Os primeiros tempos – na verdade, um longo par de anos – do exílio espanhol foi difícil. Além de trabalhos jornalísticos, ele fez alguns livros de encomenda. Seu jornalismo precoce e brilhante, que havia ficado em segundo plano durante os tempos de Buenos Aires, tornou-se uma vez mais meio de vida.

Mas o livro que Eduardo havia iniciado ainda em Buenos Aires, *Dias e Noites de Amor e de Guerra*, uma espécie de diário de bordo do que se vivia e, ao mesmo tempo, o resgate e a revelação de memórias e lembranças, foi terminado. Mais do que um belo livro, era uma espécie de ruptura com tudo que ele havia escrito até aquele momento, e o início de uma nova etapa em sua escrita.

Naquela altura, já havia ficado claro que, como autor, tinha características marcantes. Era um garimpeiro de histórias e, assim, tornou-se uma espécie de guardião da memória, além de confirmar sua infinita capacidade de revelar fatos sabotados ou submetidos a um conveniente processo de amnésia. A partir de *Dias e noites*, Galeano consolidou seu estilo definitivo, apagando as fronteiras entre os gêneros da escrita – uma prosa que encontrou luz absoluta na trilogia *Memória do Fogo*, que em minha opinião é, de longe, sua obra maior, e no *Livro dos abraços*. O que veio depois, e vieram livros especialmente marcantes, foi o aprimoramento nascido nessa transição.

Ele jamais foi um escritor de certezas. Aliás, tampouco foi um homem de certezas. De convicções, sim. Foi, na

escrita e na vida, um homem de dúvidas, que buscava respostas. Nas pequenas histórias do cotidiano, na vida das pessoas do dia a dia, ele soube encontrar revelações luminosas.

Era um homem íntegro, generoso, digno, solidário, que em nenhum minuto se deixou ofuscar pelo brilho da fama – e vale dizer que, nos últimos muitos anos, Galeano foi dos autores mais prestigiados e populares da literatura contemporânea feita na América Latina.

Eduardo era excepcionalmente rigoroso, principalmente com ele mesmo, com os amigos e com as coisas nas quais acreditava. Mas sempre foi um crítico leal não só dos amigos, mas também dos processos políticos que apoiou. Jamais aceitou os dogmas congeladores, em nenhum momento deixou de ser rigoroso. Mas, quando discordava, dizia de frente, cara a cara. Foi um modelo de generosidade, retidão, integridade e esperança.

O tempo não fez mais do que sedimentar essas características enquanto ampliava sua maneira de ver a vida, o mundo, os processos políticos, os processos sociais.

Eduardo mudou várias de suas opiniões para não mudar a essência de suas convicções. Não se acomodou. Não se contentou com a nostalgia. O mundo mudou e ele mudou para continuar a ser o que era. Para continuar a crer, até o fundo da alma, na infinita capacidade humana de criar beleza e transformar a realidade.

Foi um amante da vida em todas as suas dimensões. Escapou da primeira morte, quando, aos 20 anos, tentou se matar, mas a vida foi mais forte. Escapou da segunda, quando contraiu, na Venezuela, um tipo de malária que os mineiros chamavam de “econômica”, porque matava tão rápido que nem dava tempo de gastar dinheiro com remédios.

Agora, a terceira morte veio, e levou o melhor de todos nós, do nosso tempo nesta América conturbada e teimosa, e que, como ele, insiste em acreditar no futuro.

O VENENO ESTÁ NA MESA

ALERTA DE GALEANO ECOLOGISTA

Tânia Rabello

Foi uma entrevista de Eduardo Galeano concedida ao cineasta Silvio Tendler, no Uruguai, que inspirou o brasileiro a fazer o documentário *O veneno está na mesa*, lançado em 2011. Desde 2008 o Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos – alertou Galeano – e cada brasileiro “consume” o equivalente a 5 litros de venenos agrícolas por ano.

Estes dados impressionaram Tendler, que veio ao Brasil, conversou com o líder do Movimento dos Sem-Terra João Pedro Stédile, e captou a partir daí vários depoimentos para fazer o filme, que trata justamente do uso abusivo de venenos agrícolas por parte do agronegócio brasileiro e como essas substâncias permanecem nos alimentos, como resíduos, que são consumidos pela população.

Aquela entrevista de Galeano serviu para a abertura do documentário. Em poucas palavras, o jornalista e escritor uruguaio chega ao cerne da questão: “A história da América Latina é uma longa história da perda, da usurpação, do roubo dos recursos naturais. E a consciência da necessidade de preservar esses recursos, de defender esses recursos, não é tão acelerada quanto o processo do roubo, que continua. Os ladrões são mais rápidos do que a gente (risos). São mais velozes do que nós. O exemplo mais revelador e indiscutível de todos, a propósito desse divórcio entre direitos da natureza e direitos humanos, é o que acontece com os agrotóxicos, que estão sendo permitidos. Esses venenos contra a natureza estão sendo permitidos em países que têm governos progressistas, em nome



da produtividade. Ou seja, em nome de um império economicista, do que é o progresso humano. Então o que acontece com a terra, com a gente? A terra e a gente são muito mais importantes do que os ‘numerinhos’ da produtividade. Então se dá esta contradição entre governos que têm essa política progressista e que aceitam os agrotóxicos como se fossem uma necessidade inevitável. Sem perceber que existe aí uma certa traição a esses princípios que estão esses mesmos governos predicando, princípios muito ligados à saúde humana e à saúde da natureza.”

A repercussão do documentário de Tandler – feito com apenas R\$ 50 mil reais – foi impressionante. Juntamente com ele, foi lançada, no Brasil, a “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”. Tandler, em depoimento ao

jornal *Brasil De Fato*, comenta: “É incalculável o número de pessoas que assistiram a este filme. Só no YouTube foram mais de 300 mil, fora as cópias que foram doadas, vendidas, emprestadas, copiadas, pirateadas; ele teve muito público”, diz.

O sucesso foi tanto que Tandler lançou, em 2014, *O veneno está na mesa 2*, apontando soluções – que passam, obrigatoriamente, pela mudança de paradigma produtivo e pela agroecologia. Como diz o cineasta, “queríamos mostrar que existem alternativas ao veneno, que nós não somos um bando de irresponsáveis que queremos matar a humanidade de fome em nome de uma causa”. Tudo a partir de uma entrevista com Eduardo Galeano.

Tânia Rabello é jornalista e também colabora com a revista Brasileiros.



Foto: Divalgiação

MÁXIMAS E DIVAGAÇÕES

- *A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo (Dias e Noites de Amor e Guerra, 1978).*
- *O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa. (Las Palabras Andantes, 1993).*
- *A liberdade de eleição permite que você escolha o molho com o qual será devorado. (Las Palabras Andantes, 1993).*
- *Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos. (Voces de Nuestro Tiempo, 1981).*
- *Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. (As Veias Abertas da América Latina, 1971).*
- *E, pela primeira vez, em tantos anos, o velho contou sua história. - Estes dentes não caíram sozinhos. Foram arrancados à força. Esta cicatriz que marca meu rosto não vem de um acidente. Os pulmões... A perna... Quebrei a perna quando escapei da prisão ao saltar um muro alto. Há outras marcas mais, que você não pode ver. Marcas visíveis no corpo e outras que ninguém pode ver. (A Pedra Arde, 1980).*
- *A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será. (As Veias Abertas da América Latina, 1971).*
- *Vivemos em plena cultura da aparência: o contrato de casamento importa mais que o amor, o funeral mais que o morto, as roupas mais do que o corpo e a missa mais do que Deus. (Espelhos: Uma História Quase Universal, 2008).*
- *Temos, há muito tempo, guardado dentro de nós um silêncio bastante parecido com estupidez (As Veias Abertas da América Latina, 1971).*

PENSADORAS

LATINO-AMERICANAS

NA TRAMA UTÓPICA DE GALEANO

Margarita Victoria Gomez

O Memorial da América Latina mantém a Galeria Marta Traba cujo nome é uma homenagem à artista argentina-colombiana que pensou a América Latina através da arte e da cultura.

No nosso blog pedagogiadavirtualidade.wordpress.com dizemos que o pensamento pedagógico latino-americano, tão afeito a destacar os fazeres dos homens, depara-se com algumas mulheres que pensam uma educação na qual nem o feminino nem o masculino são excluídos. Portanto, pode-se dizer que a identidade cultural latino-americana, como uma construção discursiva e ideológica, é machista.

Nesse contexto, parece-me coerente pensar o mosaico literário de Eduardo Galeano (1940-2015), pois ele, como o Memorial, busca restituir um lugar às pensadoras e criadoras latino-americanas. O mosaico, arte de musas, é feito com pequenos fragmentos e, em Galeano, é uma trama utópica que nos reconcilia com a nossa solidão. É ao questionar certas situações que Galeano

contraria a mentalidade de homem pensando homem e convida a mulher ao banquete da cultura. Mas, além da criação de Galeano será uma quimera pensar numa educação que reconcilie nossa humanidade com a condição feminina?

Na produção de um mosaico vivo, em diálogo aberto, Galeano, um homem sensível, um clássico da literatura latino-americana, pensou a mulher e a sua situação e afirma que embora os cientistas digam que somos feitos de átomos um passarinho me contou que somos feitos de histórias. (Galeano, 2012)

Crítico do capitalismo e da sociedade, Galeano pensa a Escola e a Educação como um mosaico de imagens e cores que nos convida a desenhar uma territorialidade nova, além da colônia e dos colonos.

O culto e a cultura dialogam no livro *De Pernas Pro Ar - a Escola do Mundo ao Avesso* quando Galeano olha com um caleidoscópio a realidade da menina nas suas diversas facetas. Restitui à mulher seu lugar na história e na poética deixando brechas para que outras também tomem

seu lugar no mundo real e no mundo da utopia, que lhe é muito familiar.

Galeano nos coloca em tensão no encontro com o Outro ao focar a viagem da mulher para si mesma com os (as) filhos (as) de Malinche e as suas netas no labirinto da solidão.

O pensamento de Galeano emerge na semiótica do seu mosaico de colonizador, impregnado pelas tecnologias do nosso tempo que ele tanto criticava. Nosotras (nós outras), pensamos e fazemos cultura e educação e, como Galeano, produzimos o nosso lugar com certa cosmovisão que pede por uma nova geopolítica do conhecimento latino-americano. A ciência e cultura fazem-se possíveis nas necessidades populares e, com elas, a utopia latino-americana faz sentido.

Disse Galeano (2004): “O mundo ao avesso nos ensina a padecer a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer do passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo: assim pratica o crime, assim o recomenda. Em sua escola, escola do crime, são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação. Nem tampouco há escola que não encontre sua contra-escola.”

A diversidade cultural não permite igualar-nos, como explica Galeano (2004):

Mas está visto que
não há desgraça
sem graça, nem
cara que não
tenha sua coroa,
nem desalento
que não busque
seu alento.

“A igualação, que nos uniformiza e nos apalerma, não pode ser medida. Não há computador capaz de registrar os crimes cotidianos que a indústria da cultura de massas comete contra o arco-íris humano e o humano direito à identidade. O tempo vai-se esvaziando de história e o espaço já não reconhece a assombrosa diversidade de suas partes. Através dos meios massivos de comunicação, os donos do mundo nos comunicam à obrigação que temos todos de nos contemplar num único espelho, que reflete os valores da cultura de consumo.”

As meninas são domesticadas com brinquedos de vitrine ...

Algumas mulheres, de Eva a Mata Hari, podem estar no mosaico poético *Los hijos de los dias* (Galeano, 2012), em que a cada dia do ano nasce uma história para contar, ou em *Mulheres* (Galeano, 1999, 2015), ou na nossa imaginação provocada por Galeano. Assim, vejamos:

15/1 Rosa de Luxemburgo, liberdade e justiça; 02/02 Iemanjá, a deusa está em festa; 03/02 Chiquinha Gonzaga, não entende a vida sem música; 05/02 Violeta Parra e a sua guitarra, ambas com um buraco no peito; 21/02 Ángela Loij, indígena Ona da Tierra del Fuego; 01/03 Elisa Lynch, primeira dama do Paraguai; 03/03 Teresa de Benguela em Quaritere, rainha brasileira de quilombo; 08/03 Dia da mulher, homenagens pela sua anatomia, pela sua natureza, por seu destino (e situação); 30/04 As mães e as rondas da memória, na Plaza de Mayo; 30/06 Juana Manso, incomoda criando escolas laicas, gratuitas e bibliotecas populares; 07/07 Fridamania, Frida Kalo morreu sem ruído; 01/08 Pachamama, como os tojolobales, sabe escutar; 09/08 Rigoberta Menchú, a sua família exterminada e a aldeia, onde seu umbigo tinha sido enterrado para que criasse raiz, foi apagada do mapa; 10/08 Manuelas – Manuela Cañizares, Manuela Espejo

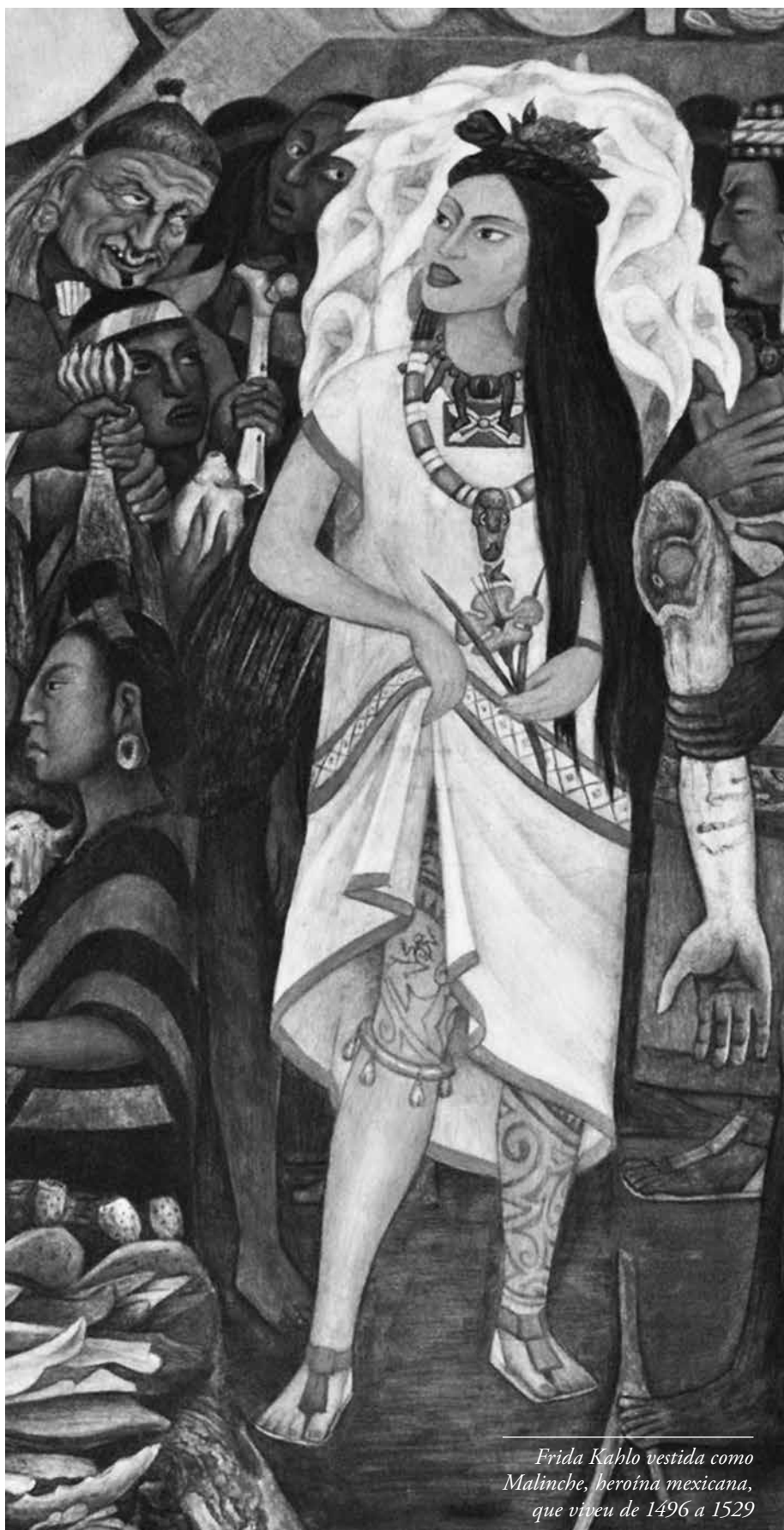
e Manuela Saénz, todas combateram o colonialismo e a mentalidade serviçal que humilhava a terra americana; 13/08 Juana Azurduy, flor do Alto Peru, uma homenagem a sua feminina valentia; 17/09 Libertadoras mexicanas, em silêncio viveram e no esquecimento se foram; 12/11 Sor Juana Inês de la Cruz, a mulher que melhor falava morreu condenada ao silêncio.

Na antologia digital *Mulheres* (1999,2015) Galeano faz uma seleção de contos e de relatos referidos a personagens femininos: Eva, Sherezade, Teresa de Ávila, Marilyn Monroe, junto a outras mulheres ou coletivos de mulheres latino-americanas. Malinche e as mulheres da revolução mexicana do século passado ou as zapatistas que até hoje se mobilizam em San Cristóbal de las Casas (Oaxaca, Mx.) também nos trazem imagens significativas da nossa condição.

Mas, se não estiverem no mosaico de Galeano, podemos acrescentar algumas outras pensadoras brasileiras, ainda atuais: Nísia Floresta, Nise da Silveira, Rose Marie Muraro, Carolina Maria de Jesus, Cora Coralina (Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas), Cecília Meirelles, Pagu (Patrícia Rehder Galvão), Bertha Becker, Emília Viotti da Costa, Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, Maria Lacerda de Moura, Rachel de Queiroz, Ecléa Bosí, Elza Maia Costa Freire, Maria Aragão, Olgária Matos, Heloneida Studart, Marilena Chauí, entre outras que nos ajudam a desterrar as cátedras do medo e a pedagogia da solidão.

A cultura e o popular como parte da vida de nós mulheres nos permite certa familiaridade para delas falar e, retomá-las no nosso trabalho de professoras e com elas nos motivar para a produção de situações novas e melhores para a nossa convivência em sociedade.

Margarita Victoria Gomez é membro do grupo de pesquisa acerca de Paulo Freire. Coordenadora do Módulo Internacional Uruguai.



Frida Kahlo vestida como Malinche, heroína mexicana, que viveu de 1496 a 1529

LITERATURA DE GIGANTES

Ana Maria Ciccacio

Com área de 176,2 km², pouco maior do que a do pequeno estado brasileiro do Acre, e população de 3,5 milhões de habitantes, meio milhão inferior à da Zona Leste da capital paulista, o Uruguai se agiganta e ostenta projeção mundial quando o assunto são seus escritores, cineastas e artistas plásticos. O panorama artístico uruguaio, atendo-se somente a nomes que ultrapassaram as fronteiras do país, demonstra, com sobra, como Eduardo Galeano (1940-2015) sempre esteve em boa companhia. E não é por acaso.

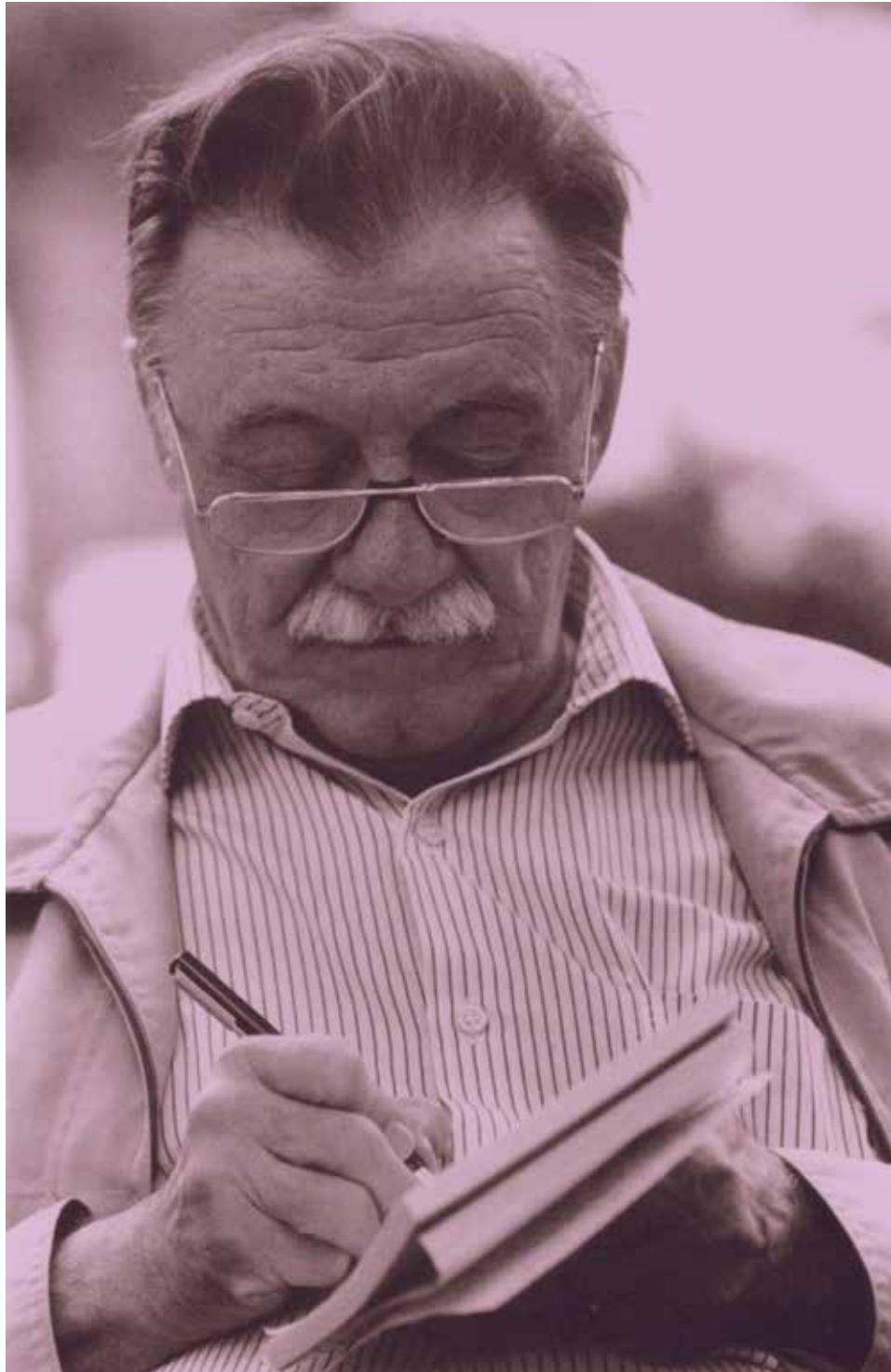


Foto: Divulgação

Mario Benedetti em seus apontamentos diários.



Juan Carlos Onetti em sua casa em Montevideo, corrigindo um de seus livros.

O Uruguai, raro país na América do Sul com 98% de seus habitantes alfabetizados, conquistou a independência em 1828, deixando de ser a Província Cisplatina do Brasil apenas seis anos depois de o próprio Brasil se tornar independente de Portugal. Precoce, poucas décadas depois consolidou-se como democracia sob os dois mandatos de José Batlle y Ordóñez (1903-1907 e 1911-1915) e daí em diante passou a registrar altos índices de bem-estar social e a gozar de consistente estabilidade política. Dessa fase são Horacio Quiroga (1879-1937), autor influenciado por Edgar Allan Poe, com tramas fantásticas e macabras, a poeta Delmira Agustini (1886-1914), dando asas à erotização feminina, e José Enrique Rodó (1872-1917), autor do crítico ensaio *Ariel*,

que já questionava a hegemonia da cultura norte-americana.

No pequenino país ao sul do Rio Grande do Sul alguns dados impressionavam: a primeira eleição em que as mulheres puderam votar aconteceu 14 anos antes da França e o direito ao divórcio, 70 anos antes da Espanha. A qualidade de vida chegou a tal ponto no Uruguai da primeira metade do século XX, que o país ganhou internacionalmente a alcunha de “Suíça da América”. A prosperidade advinha da exportação de produtos agropecuários e de minérios, mas também dos investimentos locais em educação. É nesse clima econômico, social e culturalmente favorável que despontam os contistas da Geração de 45, jovens com idade entre 25 e 30 anos,



tendo como mentor o contista e romancista Juan Carlos Onetti, (1909-1994), mais tarde consagrado como “padrinho oculto e inquietante da literatura latino-americana do século XX”.

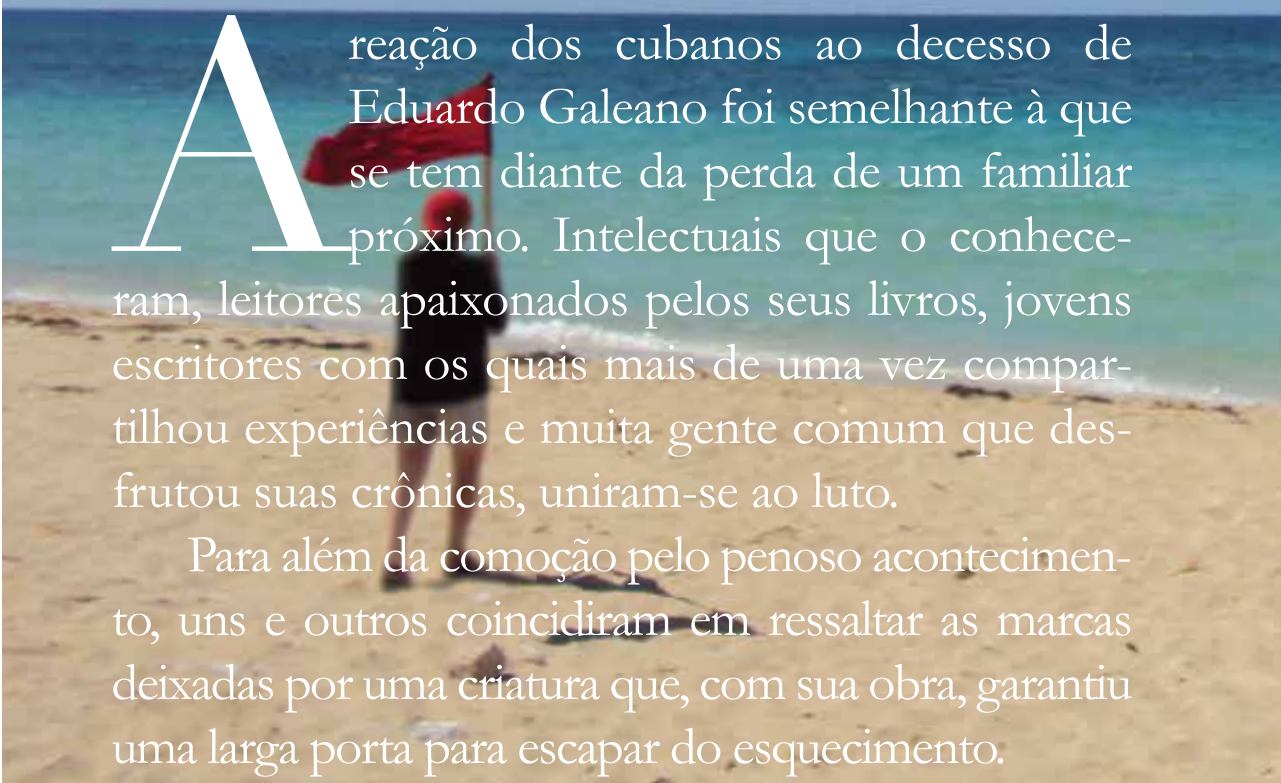
Dessa geração que muito influenciou escritores como Galeano contam-se ainda o excelente Mario Benedetti, participante do boom do romance latino-americano nas décadas de 1960-70, ombro a ombro com o colombiano García Márquez, o argentino Júlio Cortazar, o peruano Vargas Llosa e os mexicanos Juan Rulfo e Carlos Fuentes. E há também Carlos Martínez Morena (1917-1986), Felisberto Hernández (1902-1964), Luis Castelli (1919-1982) e Armonía Somers (1914-1994). Toda uma geração que, no entanto, sofreria muito com o golpe militar em

1973, alguns obrigados a exilar-se para não acabarem presos como o escritor Mauricio Rosencof. De repente o Uruguai esvazia-se, enquanto surgem movimentos de oposição e de guerrilha, como o dos tupamaros. Eduardo Milán foi um dos que se exilou, radicando-se no México por razões políticas. Com o fim da ditadura e o retorno à democracia, em 1984, a forte literatura uruguaia voltou a florescer e entre os nomes de peso da atualidade estão Tomás de Mattos, que integrou o Grupo de Tacuarembó (ao norte do Uruguai) com participação de músicos também, Guillermo Lopetegui, Jorge Majfud e Carlos Liscano.

Ana Maria Ciccacio é jornalista e colaboradora da Arte!Brasileiros e outros veículos.

GALEANO EM SUA ILHA

Pedro de la Hoz

A photograph of a person standing on a sandy beach, holding a large red flag. The person is wearing a dark shirt and shorts. The background shows the ocean and a clear blue sky. The text is overlaid on the left side of the image.

A reação dos cubanos ao decesso de Eduardo Galeano foi semelhante à que se tem diante da perda de um familiar próximo. Intelectuais que o conheceram, leitores apaixonados pelos seus livros, jovens escritores com os quais mais de uma vez compartilhou experiências e muita gente comum que desfrutou suas crônicas, uniram-se ao luto.

Para além da comoção pelo penoso acontecimento, uns e outros coincidiram em ressaltar as marcas deixadas por uma criatura que, com sua obra, garantiu uma larga porta para escapar do esquecimento.



Ainda não eram uma legião – como mais tarde –, aqueles que, nesta ilha do Caribe ocidental, no final da década de 60, estavam familiarizados com a escrita de Galeano. A este lugar precocemente sitiado pelo embargo norte-americano, com precárias conexões aéreas com o resto do mundo, chegavam de vez em quando exemplares do semanário uruguaio *Marcha*, considerado um modelo do jornalismo latino-americano da época.

Galeano exercia o cargo de diretor de redação da publicação e já tinha publicado dois dos livros que podem ser considerados precursores da saga sobre a recuperação da memória histórica dos povos da América Latina, com a qual chegaria à cúspide das letras ibero-americanas.

Tudo isso começou a se tornar público precisamente em Cuba. Casa de las Américas, instituição fundada pela heroína Haydée Santamaría, oferecia todos os anos um Prêmio Literário, atualmente o de mais prolongada permanência na região.

Em 1971, Galeano, que tinha integrado o júri das coleções inéditas de contos no ano anterior, enviou ao certame o original datilografado de uma obra de fronteiras genéricas imprecisas, a cavalo entre a literatura de testemunho e o ensaio histórico-social. No fim das contas, sua avaliação foi assumida pelo júri da categoria Ensaio. Entretanto, ele não obteve a recompensa máxima, mas uma menção honorífica. Embora tenha deslumbrado os juízes, pesou muito mais a tradição que a transgressão.

Após a publicação do texto pela Casa das Américas, ocorreu a explosão Galeano. *As veias abertas da América Latina* transformou-se a partir de então em uma referência bibliográfica popular para centenas de milhares de leitores nesta parte do mundo e muito além dela.

No início, o livro esteve marcado pelas circunstâncias. Previa-se um ciclo de ditaduras militares na América do Sul - o que começou no Brasil expandiu-se logo para o Chile, Uruguai e Argentina -, na América Central pareciam eternizar-se os governos das repúblicas bananeiras, e os movimentos guerrilheiros, mesmo depois do assassinato do Che Guevara na Bolívia, tiveram uma segunda chance. As conflituosas relações entre as administrações norte-americanas e os povos da América Latina e Caribe - ou seja, um governo contra organizações populares - aguçavam-se no âmbito da Guerra Fria, embora nem tudo possa ser explicado nesse contexto. O presidente Nixon saudava Mao na China e assinava com Brezhnev o Tratado Salt I, enquanto o Departamento de Estado e a comunidade de inteligência preparavam o sinistro Plano Condor para os sul-americanos.

É legítimo que um autor seja autocrítico de sua própria obra, ainda mais quando a observa com certo distanciamento. Em 2014 Galeano, durante a Feira do Livro de Brasília, expressou o seguinte sobre seu livro: “Não possuía a informação necessária. Não estou arrependido de tê-lo escrito, mas foi uma etapa que, para mim, está superada. O livro foi escrito sem saber o suficiente sobre economia e política”.

Agora uma grande parte dos obituários publicados pelas agências de imprensa que exercem a hegemonia midiática e dos necrológios publicados por jornais e canais de televisão da mesma confraria, pretendem nos convencer que *As veias...* é um livro fracassado, uma mancha na biografia

do escritor uruguaio, que ele mesmo repudiou. Ninguém cita a declaração completa de Galeano, sobretudo quando garante, como citamos acima, não estar arrependido de tê-lo escrito.

O que é apresentado parte de uma má apreciação do legado literário de Galeano e de uma pior leitura da realidade latino-americana e caribenha dos dias de hoje. Nada novo, se levarmos em consideração a forma em que o texto recebeu o precoce ataque de Carlos Rangel em *Do bom selvagem ao bom revolucionário* e as desqualificações de Carlos Alberto Montaner, Plinio Apuleyo Mendoza e Álvaro Vargas Llosa em suas especulações sobre *O Perfeito Idiota Latino-Americano*.

As veias... foi apenas um ponto de partida. Imperfeito, com trechos hiperbólicos e certa tendência ao maniqueísmo, qualidades que até certo ponto se devem à marca da linguagem.

No entanto, sem esse texto não teria podido galgar até chegar a *Memória*



do fogo, trilogia formada pelos *Nascimentos*, pelas *Caras e Máscaras* e o *Século do Vento*, publicada entre 1982 e 1986. Galeano já era maduro, muito mais poético, porém ao mesmo tempo mais incisivo. Esta obra foi elogiada por sua perspectiva americana e descolonizadora, ao oferecer um muito completo entendimento das *veias abertas* por parte de um escritor crítico, formado e posicionado sempre do lado dos desfavorecidos.

Depois veio *Espelhos* (2009). O arquiteto e escritor uruguaio Jorge Majfud, ao escrever sua resenha para o jornal argentino *Página 12*, disse: “Como em seus livros anteriores, o paradigma do escritor comprometido latino-americano e, sobretudo, o paradigma de Eduardo Galeano, parece se reconstruir uma vez mais: a história pode progredir, porém esse progresso ético-estético tem como destino utópico a origem mítica e por instrumentos de luta a memória e a consciência da opressão. O progresso consiste em uma regeneração, na recriação da humanidade,

tal como foi feito pelo mais sábio, justo e vulnerável dos deuses ameríndios, o homem-deus Quetzalcóatl”.

Sem dúvida, Majfud é quem esclarece a profundidade real e a justa vigência das *Veias...* devido à repercussão da autocritica de Galeano.

“Quando li os primeiros artigos referentes às recentes declarações no Brasil - comentou Majfud -, repreeendi o próprio Galeano. Nunca fui fanático por esse livro e até escrevi um estudo bastante crítico sobre ele, mas para mim foi um dos livros mais valentes de sua época. Ou até mesmo o mais valente. Considero um crime descontextualizá-lo e nunca pensei que seu próprio autor fosse capaz de fazer isso, como se verifica em cada um dos artigos oportunistas publicados a seguir”.

Interpelado epistolarmente por Majfud, o escritor uruguaio respondeu: Ladram, Sancho. É a prova de que escrever serve, pelo menos para despertar celebrações e protestos, aplausos e também



Foto: Bea Amaranite

indignações. O livro, escrito há séculos, continua lépido e fagueiro. Simplesmente tenho a honestidade de reconhecer que a esta altura seu estilo me resulta pesado, não que me custa reconhecer-me agora que quero ser cada vez mais breve e leve. Nada a ver com Vargas Llosa. (...) As vozes que se lançaram contra mim e contra *As veias abertas*... estão gravemente enfermas de má fé”.

Com o passar dos anos, o ensaísta cubano Aurelio Alonso justificou a vigência das *Veias*... com estas palavras: “Poucos autores conseguem, como ele, levantar-se contra esse vício dessimplificador que obscureceu gravemente, em muitas oportunidades, a compreensão da história, da economia, do trabalho político e, em geral, da realidade social, que não permite abordar a sociedade como um todo. Obscurecimento que se produz, é preciso admitir, com um dano prático inclusive para os processos políticos nascidos de revoluções genuínas. Não é preciso nem falar como se incubou e estendeu a todo o espectro da oposição de esquerda na Nossa América. Por isso resulta tão relevante o componente herético de nosso autor”.

Também se falou muito sobre o desencontro de Galeano com a Revolução Cubana, devido ao fuzilamento de três sequestradores de embarcações na primavera de 2003. O célebre escritor português José Saramago declarou: “Até aqui cheguei. De agora em diante, Cuba seguirá seu caminho, e eu fico onde estou”. Galeano, em um artigo intitulado *Cuba dói*, afirmou: “... as prisões e os fuzilamentos em Cuba são muito boas notícias para o superpoder universal, que está louco de vontade de arrancar da garganta esta porfiada espinha. Em compensação, são notícias muito ruins, notícias tristes que muito doem para os que acreditamos que é admirável a valentia desse país pequenino e tão capaz de grandeza, mas acreditamos

também que a liberdade e a justiça caminham juntas ou não caminham”.

Passada a crispação em torno de um evento extremo, que só se explica a partir da lógica de um país ameaçado do exterior - houve falcões que aconselharam a Casa Blanca a economizar o longo caminho de tropas e aviões para Bagdá e trocá-lo pela mais breve rota para Havana - e com uma estressante conjuntura interna, Saramago regressou logo, apenas dois anos depois. Entre as razões do regresso, citou: “Vim, simplesmente, porque me convidaram. Não é necessário convocar a população cubana para um referendo para ver se estão ou não de acordo com ir para a Venezuela, ou para o Haiti, ou para onde for porque é justo. É como se este povo fosse solidário por natureza, mas talvez mais por educação, por algo aprendido, porque a solidariedade também se aprende”.

Galeano demorou mais. Regressou em 2012, convidado para instalar o júri do Prêmio Literário Casa de las Américas desse ano. Ao chegar ao aeroporto de Havana, declarou: “Embora faça anos que não venho, sinto que volto sem nunca ter ido embora. Cuba continuou sempre viva dentro de mim, em minhas palavras, meus atos e minha memória. Jamais ocultei nenhuma de minhas discrepâncias ou dúvidas; mas também não ocultei minha admiração por esta Revolução que é um exemplo de dignidade nacional”.

Na sede da Casa de las Américas apresentou outros argumentos: “Esta Casa é minha casa, a casa nossa. E porque assim a sinto, e assim a sei, fui e continuarei sendo seu sempre amigo, de acordo com aquela definição da amizade que nos legou Carlos Fonseca Amador, o fundador da Frente Sandinista: ‘O verdadeiro amigo é o que critica de frente e elogia pelas costas’. Mas às vezes não é ruim elogiar de frente, quando não é por dever de cortesia, nem por hipócrita

adulação, nem por medo à verdade. E então é possível dizer, por exemplo: obrigado, milhões de agradecimentos à Casa de las Américas, por tudo o que fez e faz para a revelação das nossas energias criadoras, mil vezes assassinadas e mil vezes ressuscitadas. E obrigada, milhões de agradecimentos, porque essas porfiadas vozes renascidas, que nos falam desde o passado mais remoto e desde o mais próximo presente, encontraram na Casa um espaço de encontro e uma caixa de ressonância que até então não existiam”.

Justamente 72 horas antes de ele pronunciar estas palavras, tive a sorte de conversar longamente com Galeano na sede do Centro de Formação Literária Onelio Jorge Cardoso, que em Havana acolhe jovens que se interessam por dominar as técnicas narrativas.

Daquele encontro, gostaria de compartilhar uma história contada por ele: “Gostei muito de Juan Carlos Onetti que, como você sabe, é um dos grandes escritores nossos. Era um homem áspero, de poucos amigos. Acho que fui o único que compartilhava com ele seus silêncios e uns vinhos intragáveis,

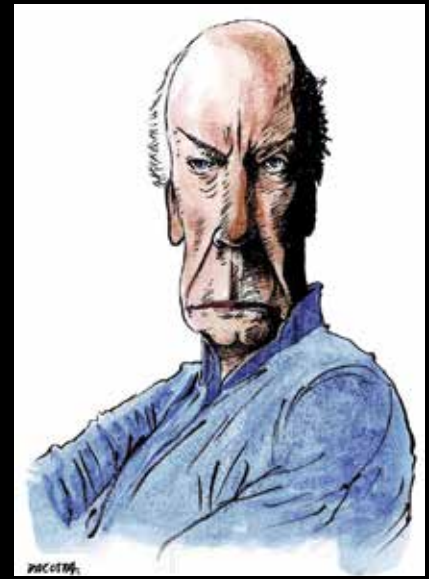
desses que deveriam ter na etiqueta uma recomendação para a cirrose. Onetti me disse que ele escrevia para si mesmo. Disse-lhe que isso era mentira. Por que publicava então? É melhor você me dar seus manuscritos, os envio pelo correio para você, que se transforma então no único leitor do que escreve. Ele ficou muito zangado e, apontando para a porta, me condenou: “Vá embora e não volte nunca mais”. No dia seguinte me chamou. O velho sabia que devia sua escrita ao próximo”.

Nessa tarde de confissões, também expressou: “Não me considero um escritor objetivo. Essa é uma invenção como a dos gêneros literários, que provém de uma visão de mundo em que tudo está dividido: a emoção e o intelecto, a alma e o corpo, a razão e a imaginação. Parece que será muito difícil montar os pedaços e compreender, de uma vez por todas, que em um mundo cabem muitos outros mundos”.

Pedro de la Hoz é vice-presidente da União de Escritores e Artistas de Cuba.



Foto: Leonor Amarante



GALEANO

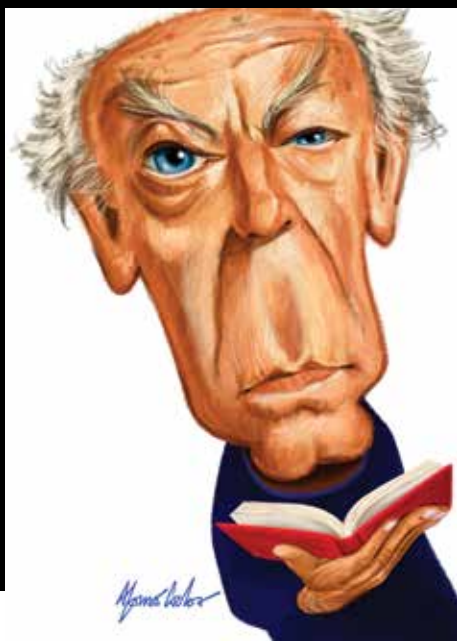
EM TRAÇO

José Alberto Lovetro

Como traduzir um escritor festejado por seus livros de sabor latino-americano em traços tortuosos de uma caricatura? Fica fácil quando o próprio Eduardo Galeano mostra o caminho em sua fala: “Que tal se delirarmos por um tempinho (...) para adivinhar outro mundo possível. O ar estaria limpo de todo veneno que não vem dos medos humanos e das paixões humanas, as pessoas não serão manejadas pelo automóvel, nem programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado, nem observadas pela televisão”

Os cartunistas, então, se apropriam do direito ao delírio. Com certeza utilizando o sangue de *As veias abertas da América Latina*, seu livro mais festejado, como tinta e os temas da justiça social em nosso continente como papel.

Não é a toa que o escritor iniciou sua carreira como jornalista publicando uma caricatura na revista *El Sol*, do Partido Socialista, assinando com o nome “Gius”. Permitiu-se ao desenho porque é livre pensar. E por onde até crianças se comunicam mesmo antes de entenderem as letras.



Galeano era um escritor com faro jornalístico. Conviveu com ilustrações e caricaturas em suas passagens pela imprensa escrita. Foi editor-chefe do diário uruguaio *Época* e possivelmente sorria ao publicar uma caricatura de uma personalidade. E hoje caricaturistas fazem uma justa homenagem, espontânea, inundando as redes sociais com a imagem em traços do intelectual de esquerda. Mesmo porque há uma identificação entre o que ele fazia em seu jornalismo de denúncia aos maus tratos com nossa América Latina e o exercício do cartunista que caminha por essa mesma estrada. E a caricatura? Nada mais é que uma nova letra criada para o alfabeto de um escritor. Nós, cartunistas gostamos de escritores assim, que nos dê o direito ao pensar e repensar. Uma descarga de neurônios em nossas cabeças para traduzirmos em desenhos que instiguem o ser humano a ser crítico aos descasos do mundo.

Vamos então delirar um pouquinho, como Galeano nos sugere, e pensar outro mundo possível onde o desenho e

as letras se misturam em uma roda de criatividade. “Há tempos atrás, as letras brigavam com os traços por pequenas implicações. Ou era porque o desenho não obedecia à linha reta do texto ou porque as letras atrapalhavam o espaço do desenho. Até que se olharam mais profundamente e descobriram que tudo aquilo era amor. Havia uma interação mesmo que na discórdia. Acabaram se casando em um livro e nasceram as histórias em quadrinhos.”

E o que seria da arte se não houvesse o delírio?

José Alberto Lovetro (JAL) é presidente da Associação de Cartunistas do Brasil - ACB.

Caricaturas de Sérgio Gomes, Osvaldo DaCosta, Afonso Carlos Fernandes e Paulo Sérgio Jindelt

FILMES

CINEMA EXPANDIDO

Jurandir Müller e Francisco Cesar Filho



Considerando a América do Sul, o Uruguai possui a quarta menor população (à frente apenas da Guiana, Suriname e Guiana Francesa) e o terceiro menor território. Sua economia, baseada em exportações agrícolas, gera o nono produto interno bruto da região. Por outro lado, a expressão cultural uruguaia exhibe marcos grandiosos e coloca o país como destaque mundial nos campos da literatura, das artes visuais, da música e do cinema. Este último já estava presente na capital Montevideu no final do século 19, simultaneamente a outros centros urbanos planetários: a primeira crônica sobre cinema escrita no país e publicada no jornal *El Siglo* já relatava, em 28.12.1896, a primeira exibição privada que ocorrera em 18 de julho daquele ano. Em 1898 teria ocorrido a primeira filmagem em solo uruguaio, e o primeiro longa-metragem *made in* Uruguai dataria de 1919 (*Pervanche*, de Leon Ibañes Saavedra).

A história dessa cinematografia, porém, não é isenta de polêmicas. Manuel Martínez Carril e Guillermo Zapiola descrevem no prólogo do livro *La Historia no Oficial del Cine Uruguayo: Almas de la Costa* (1923, Juan Borges) foi o primeiro filme uruguaio; em 1938, *Vocación?*, de Rina Massardi, foi a primeira película lírica sul-americana; mas, em 1979, *El lugar*

del Humo, que ainda por cima era uma coprodução argentina de Eva Landek, foi novamente anunciada como o primeiro longa-metragem uruguaio; e apenas 15 anos depois, *El Dirigible*, de Pablo Dotta, era novamente (anúncio oficial em Cannes) “o primeiro filme do cinema uruguaio”. Nunca, em nenhum país, o cinema nasceu tantas vezes.”

Manuel Carril (1938–2014) é figura central quando se pensa no cinema uruguaio. Manolo, como era conhecido, assumiu em 1978 a direção da Cinemateca Uruguaia, numa longa gestão que se confundiu com a própria estrutura da instituição. Considerada então a mais importante da América Latina, a entidade tem 14 mil títulos no acervo, promove anualmente mais de mil sessões públicas e alcança um público de 450 mil pessoas. Mais antiga cinemateca latino-americana em atividade, foi fundada em 1952 e, desde então, revelou-se fundamental na formação cinéfila daquele país. A partir desse verdadeiro centro cultural dedicado a diversidade cinematográfica (*¡Viva la Diferencia!* é o slogan de suas sessões semanais em salas comerciais de Montevideu), surgiram nomes da maior influência, não somente no Uruguai, mas respeitados pelo mundo – historiadores, críticos e cineastas.

Críticos reconhecem que a produção audiovisual uruguaia, apesar da

Cena do filme *Tanta Água*

pequena quantidade de títulos, vive uma impressionante 'boa onda' desde o início dos anos 2000. Foi quando festivais como Cannes, Berlim e outras vitrines prestigiosas passaram a incluir quase sistematicamente obras do Uruguai.

No Brasil, com o advento, em 2006, do Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, o cinema uruguaio teve garantido espaço permanente: em nove edições do evento foram projetadas nada menos do que 33 de suas mais expressivas obras, parte delas comentadas a seguir.

Vencedor do Tiger Award no Festival de Roterdã, *25 Watts* (2001), de Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll, colocou o Uruguai no mapa da cinematografia mundial. Esta abordagem da vida tediosa de três adolescentes vivendo em Montevideo com traços autobiográficos contava em um dos papéis principais com um ator até então desconhecido, Daniel Hendler (que faria carreira internacional depois de protagonizar três filmes do cineasta argentino Daniel Burman).

A dupla de cineastas faria a seguir *Whisky* (2003), vencedor do prêmio da crítica na competição *Un Certain Regard* do Festival de Cannes. Com a morte

precoce de Rebella em 2006, com 32 anos de idade, Stoll prosseguiria carreira solo com *Hiroshima – Um Musical Silencioso* (2009), uma espécie de documentário ficcional, no qual o diretor registra seu irmão e cria um filme quase mudo, com diálogos inaudíveis que aparecem sob a forma de intertítulos. Com *3* (2012) conquistaria o Prêmio Itamaraty para o Cinema Sul-Americano no Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, após ter sido selecionado para a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes.

Outro nome importante é do veterano Mario Handler, também fotógrafo e professor nascido em 1935. Retorna do exílio em 1999 e realiza em 2001 o polêmico *Separado (Aparte)*, produzido, editado e fotografado solitariamente. Focalizando os habitantes de uma população marginal da capital do país, gerou grande polêmica nos meios culturais e políticos, além premiações em diversos festivais. Com *Diga a Mario Que Não Volte* (2007), sobre os efeitos da ditadura civil-militar (1973-1985) no Uruguai, também mereceu o prêmio do público no festival espanhol Documenta e de melhor filme no Festival Internacional

Take do filme
O Banheiro
do Papa



Foto: Dvulgação

de Direitos Humanos de Santiago del Estero (Argentina).

Da nova geração merecem destaques, entre outros, Adrián Biniez, Federico Veiroj, Alfredo Soderguit e a dupla Ana Guevara e Leticia Jorge, todos nascidos a partir da década de 1970. Biniez conquistou com *Gigante* (2009) três prêmios no Festival de Berlim: Grande Prêmio do Júri, Prêmio Alfred Bauer para melhor filme de estreante e Hugo de Ouro na competição de novos diretores. Também vencedor do Festival de San Sebastián, *Gigante* encontrar mote para o humor em situações cotidianas de um inofensivo grandalhão que trabalha como guarda de segurança em um supermercado que se sente atraído por uma jovem mulher da limpeza.

Alfredo Soderguit surpreendeu ao realizar o primeiro longa-metragem de animação uruguaio, *AninA* (2013). O filme combina o movimento dos personagens com fundos dignos de livros ilustrados infantis, alcançando resultado de sabor artesanal que encantou no circuito internacional: no Festival de Cartagena de Índias recebeu o prêmio de melhor filme e de melhor direção; no Bafici - Festival de Buenos

Aires conquistou o prêmio do público.

Uma genuína observação sobre a adolescência, com suas relações familiares e afetivas, *Tanta Água* (2013), de Ana Guevara e Leticia Jorge, obteve grande repercussão, tendo conquistado o prêmio da crítica em Cartagena de Índias, o prêmio de melhor obra de diretor estreante em Guadalajara e o grande prêmio do júri em Miami.

Vencedor dos festivais de Havana e Cartagena e do Prêmio Goya de Melhor Filme Estrangeiro em Espanhol, *A Vida Útil* (2010), de Federico Veiroj, é passado na Cinemateca Uruguaia, com direito a participação de Manuel Martínez Carril. Filmado em preto e branco, ao estilo da Nouvelle Vague francesa, focaliza uma delicada história de amor protagonizado pelo conhecido crítico uruguaio Jorge Jelinek.

Como não poderia deixar de ser, Manuel Martínez Carril mereceu homenagem do Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo. Em 2013, obras dos anos 2000 por ele escolhidas foram exibidas no evento.

Jurandir Müller e Francisco Cesar Filho, diretores do Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo.



Fotos: Divulgação

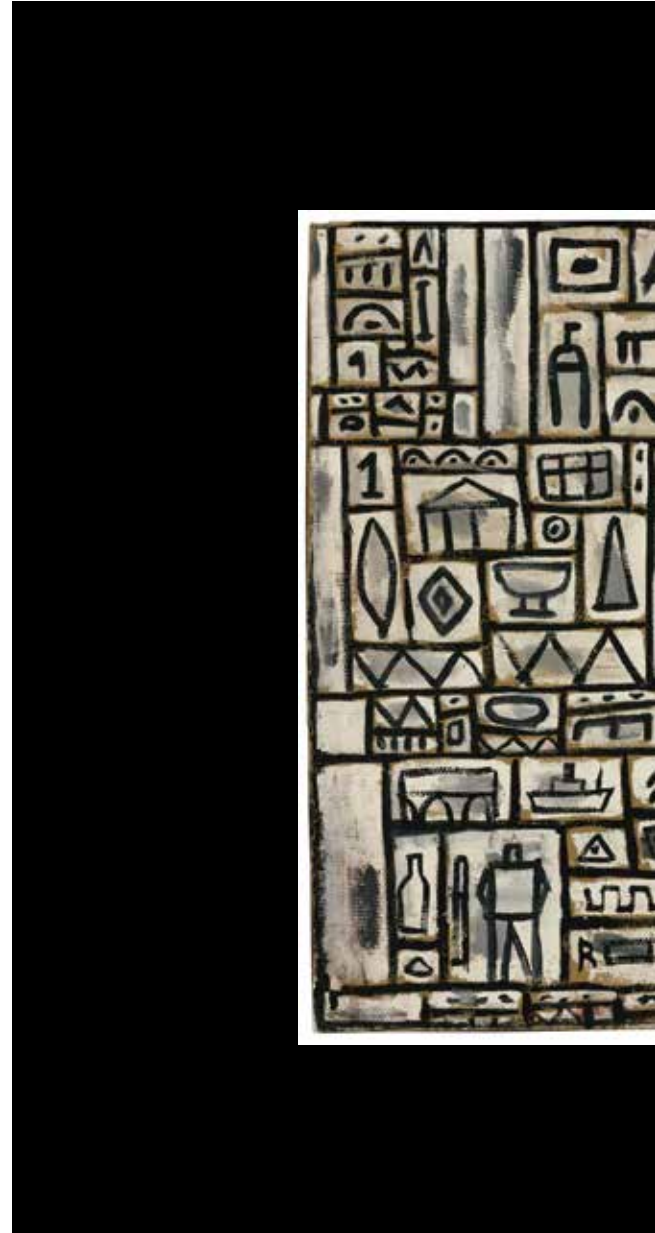
*Cena do filme
Sr. Kaplan*

FORÇA DA ARTE URUGUAIA

Silas Martí

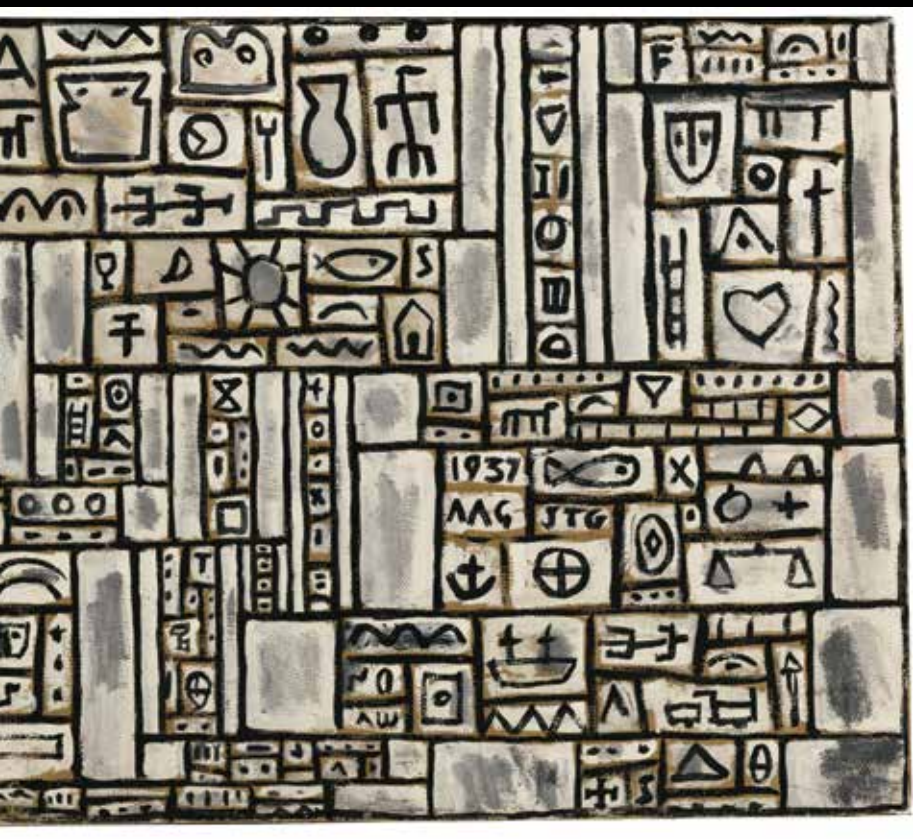
Quando desenhou de pontacabeça o mapa da América Latina e proclamou que “Nosso Norte é o Sul”, Joaquín Torres García deitou as bases de seu chamado universalismo construtivo. Também fundou uma linha de pensamento que, em maior ou menor grau, serviria de âncora conceitual para a arte realizada no Uruguai desde o início do século passado até os dias de hoje. Não uma produção autocentrada, mas algo que toma partido de um contexto local para reorganizar a influência das vanguardas do mundo, ou, nas palavras dele, “fazer do alheio algo com substância própria”.

Em 1935, ao criar sua Escuela del Sur, ou Escola do Sul, Torres García estava de volta a Montevideu depois de viver mais de quatro décadas entre a Europa e Nova York. Viviu um embate direto com a avalanche estética do *art nouveau* e ao mesmo tempo reabilitava a herança de um geometrismo observado nas vanguardas europeias à luz da “justa



posição” de seu país no mundo. Ou seja, moldava a plasticidade de sua obra de acordo com a “a luz tão branca, o vento e a umidade que mancha tudo de verde e a largura e a cor do rio da Prata”.

Na era da pós-globalização, em que fronteiras se dissolvem com toques na tela de um iPad e o mundo da arte está



coalhado de nomes que vivem entre um lugar e outro, parece antiquado buscar, na leitura de um trabalho, raízes com qualquer ponto geográfico que seja. Mas da mesma forma que a crítica não deixa de buscar ecos concretistas ou tropicalistas na obra de brasileiros radicados em qualquer canto do mundo, o Uruguai – espremido

entre o Brasil sulista e fantasmagórico de Iberê Camargo e uma Argentina que traduziu a montanha-russa de sua economia em obras que vão da estridência pop e política de Marta Minujín ao cerebralismo performático de Victor Grippo – parece ter se configurado como plataforma única de concepção visual.

*Joaquín Torres García,
Grafismo Infinito,
1937. 54x84,5cm*



*Luis Camnitzer.
Instalação Memorial,
2011. Parque
da Memória, em
Buenos Aires.*

Trabalhando no ateliê criado por Torres García, artistas como Gonzalo Fonseca e Francisco Matto não copiavam o mestre, mas tentavam estabelecer uma ponte orgânica entre a arte europeia, então obcecada por pinturas cubistas, e objetos pré-colombianos, ou seja, um elo universalizante entre propostas estéticas díspares, mas de igual potência visual. Olhando em retrospecto, a arte uruguaia da primeira metade do século XX, em sua investigação profunda da América, antes que esta fosse a América dos espanhóis e dos portugueses, antecipa um discurso em voga ainda hoje. É como se

vislumbrasse ali esse momento em que artistas do continente começam a romper os limites de feudos nacionais para plasmar uma latinidade ou essência intrínseca à região, como quer fazer Aracy Amaral na próxima edição do Panorama da Arte Brasileira, em outubro, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Nesse sentido, Luis Camnitzer, um dos maiores artistas do Uruguai, fez de sua obra uma potente atualização do projeto construtivo de Torres García. Quem olha para a superfície plástica de suas fotografias, gravuras e instalações não enxerga essa associação, mas da mesma forma



Foto: Divulgação

que Torres García partiu da experiência à beira do Prata para forjar um construtivismo insubordinado à tradição europeia, Camnitzer se associou à arte conceitual que viu nascer em Nova York, onde se radicou, como parte de uma estratégia para destrinchar e entender suas origens e o destino de uma terra também atingida pelos abalos de uma ditadura, da violência desmedida e de abusos de poder.

Sua ênfase nas palavras e a relação tortuosa delas com seu significado e a imagem do que representam pode ser entendida como tradução ou extensão conceitual da obsessão inicial da arte do

país – e, em grande medida, do resto da América Latina – com as formas geométricas. Camnitzer aposenta a geometria explícita em nome de um jogo irreverente de incongruências entre o que se lê e o que se vê, um curto-circuito linguístico que reflete os desmandos de uma história pedregosa como a da América Latina. No auge de sua reflexão e da adaptação da realidade uruguaia ao vocabulário da arte conceitual, Camnitzer criou sua série das *Torturas Uruguaias*, em que associa imagens perturbadoras, relacionadas à ditadura no país, a legendas lacônicas, como um copo d'água e a frase “ele temia a sede”.

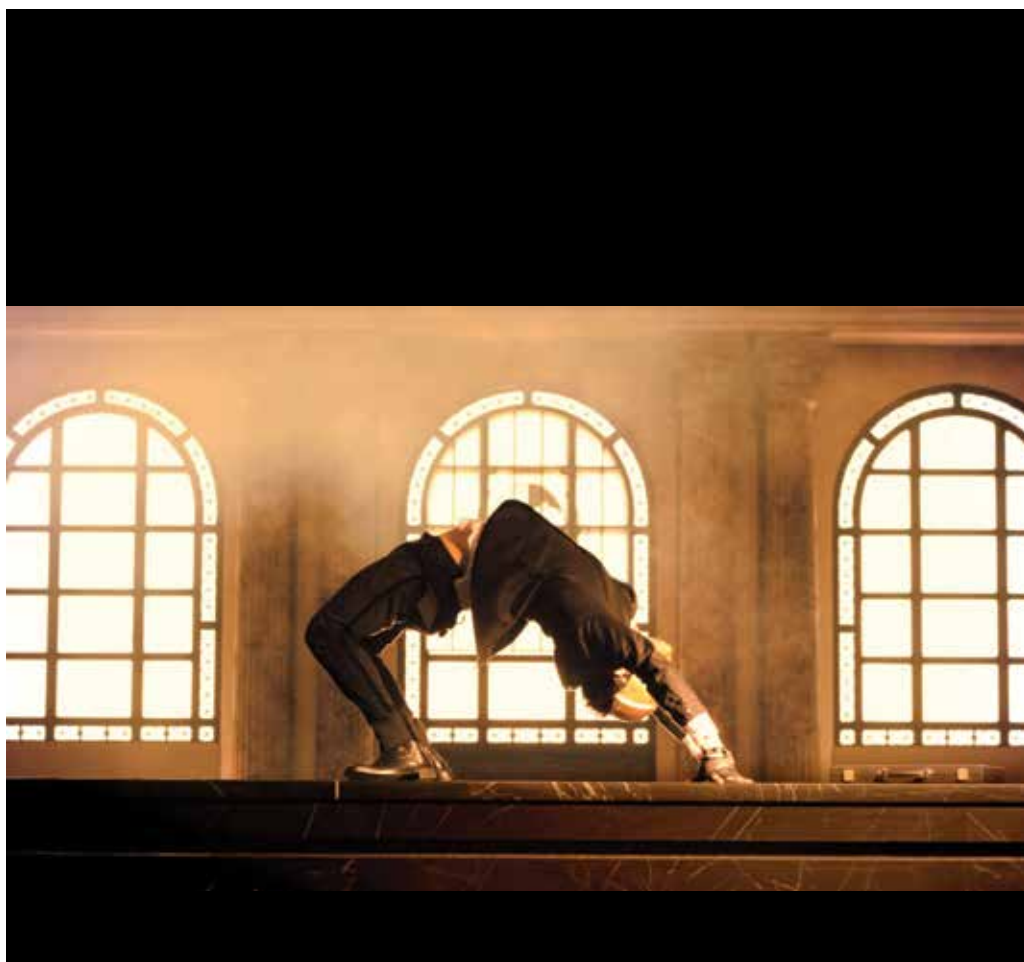


Foto: Divulgação

Martín Sastre.
performance El
Perfume del Pepe,
2003.

Também em Nova York, Marco Maggi fez da delicadeza de sua obra, de microrrelevos arquitetados em chapas metálicas e folhas de papel, um minimalismo às avessas. Enquanto a superfície lembra a mudez acachapante das peças minimalistas, um olhar mais de perto revela minuciosas construções, sejam elas gravadas no metal ou surgidas de dobraduras de papel, uma espécie de origami em que a delicadeza se revela em um ato subversivo.

Num registro mais histérico e nada delicado, Martín Sastre, uma das mais novas estrelas da arte uruguaia, parodia a descida do campo da arte à indústria do entretenimento com um trabalho de crítica institucional calcado na estridência midiática da nova

política de seu país. *U de Uruguay* é um perfume criado pelo artista usando as flores do jardim do ex-presidente José Mujica. Celebridade da esquerda atual, Pepe, como é conhecido, o ex-mandatário uruguaio, entrou de cabeça no projeto. Sastre leiloou um dos três frascos de perfume que fez e reverteu os fundos à arte de seu país. Na campanha de divulgação, gravou um comercial da fragrância no Banco da República Oriental do Uruguai, com direito a um striptease e a uma voz gravíssima em *off*, que pergunta se quem assiste ao vídeo, como quem o fez, também vem do Uruguai.

Silas Martí é repórter de cultura do jornal Folha de S. Paulo e escreve para outros veículos.

URUGUAI

VIAJA NA

MÚSICA

Maurício Rahal

O Uruguai é um país pequeno e jovem que está entre duas grandes potências musicais: Brasil e Argentina. Essa proximidade exerceu grande influência na música trazida pelos criollos, descendentes indígenas, espanhóis e afrodescendentes que desenvolveram estilos próprios, como El Candombe, o Tango, a Milonga, La Murga e outras fusões musicais. São representantes dessa mistura artística: Alfredo Zitarrosa, Daniel Viglietti, Ruben Rada, Laura Canoura, Jaime Roos, Hugo Fattoruso, Max Capote, La Mufa, Martín Buscaglia, Abuela Coca e Jorge Drexler entre outros.

No MAU, Mercado das Artes do Uruguai, assisti a cerca de 40 shows, foi lá que vi e ouvi pela primeira vez Martín Buscaglia e seus inúmeros recursos que o destacam como um artista



Página ao lado: Jorge Drexler na entrega do Grammy Latino.

“inclassificável” com seu pop funk lúdico experimental, criando trilhas sonoras ao vivo com suas pedaleiras de efeitos. Martín é um cara muito irrequieto no palco, um guitarrista que pluga e despluga suas guitarras a todo o momento em uma aula técnica de som, sonorização e performance. Buscaglia gravou com artistas como Fito Páez, Arnaldo Antunes e Jorge Drexler. Traçando um paralelo, podemos aproximar Martín ao estilo das guitarras de Edgard Scandurra e Arto Lindsay.

Jorge Drexler teve suas músicas gravadas por Mercedes Sosa, Omara Portuondo, Pablo Milanés, María Rita, Bajofondo. Médico, otorrinolaringologista, gravou seu primeiro trabalho em 1992 e mora em Madri desde 1994. Ficou conhecido ao ganhar o Oscar com a música *Al Otro Lado Del Rio*, do filme *Diários de Motocicletas*, a primeira canção em castelhano a levar o prêmio. Por uma decisão de Hollywood, ao invés dele, Antonio Banderas cantou a canção acompanhado pelo guitarrista Carlos Santana. Decepcionado, quando chamado para receber o prêmio, subiu ao palco e não agradeceu, mas cantou o trecho da canção como uma espécie de protesto. Essa irreverência, característica sua, também presente em sua música, a inteligência harmônica e belas melodias de caminhos incomuns refinados e sutis fazem dele um compositor diferenciado e um poeta de construção interessante e existencialista. Esse compositor de estilo traz em seu violão levadas tradicionais adicionadas a um componente eletrônico percussivo, revestido por diferentes sons trabalhados por uma banda de formação inusitada e que faz de Jorge um ícone da música uruguaia contemporânea.

Abuela Coca – pequena narrativa de um grande show

Abuela Coca: Abertura do Festival América do Sul, palco montado em frente a uma grande praça, plateia lotada, 12 integrantes, início do show... Abuela Coca entra e destrói... Metais, vocais, percussões se unem num ritmo empolgante espalhando a sonzeira e chamando a galera... Gonzalo Brown com seu espanholês, canta e manda recados imantando e carismatizando entre um tema e outro, um entra e sai de cantores e músicos em uma performance empolgante e dançante. No palco vizinho, o Cidade Negra se prepara



para o próximo show que começará logo... Olhares divididos para não perder momentos e movimentos e a torcida para que o show da vovozinha dure a eternidade. É proibido ficar parado no show do Abuela, os cantores se revezam cantando hip hop, reggae, salsa, funk, rock e pop, tudo se misturando como muita naturalidade e diversão! Não importa quem veja, querem levar para casa. Depois do show ainda no saguão do hotel, o Toni Garrido comenta: “Cara que som... Quero fazer um show com eles, tem jeito?”.

Maurício Ribal é músico, compositor e produtor musical.



DE FUSCA NA COPA

Leonor Amarante

Não é novidade que a paixão pelo futebol é característica comum entre os povos da América do Sul. O Uruguai também enlouqueceu durante a Copa do Mundo e, lá como aqui, ninguém ficou alheio ao clima que envolveu os jogos de sua seleção. De anônimos a ilustres torcedores, como Eduardo Galeano, personagem desta edição, que, durante a Copa do Mundo, colocou uma placa na porta de sua casa com os dizeres *Cerrado por fútbol*, só para assistir aos jogos sossegado.

O fotógrafo brasileiro Nauro Júnior não fica atrás. Ele é de Pelotas, Rio Grande do Sul, mas divide sua paixão pela bola com um Fusca 68, seu companheiro de viagem. Foi com ele que viajou ao



Uruguai para acompanhar aos jogos da Copa junto aos torcedores daquele país. “Adoro o Uruguai. O Galeano, com quem fiz amizade, dizia que a única forma de entender seu país era começando pelo futebol. Segui à risca a orientação e durante a Copa do Mundo fiquei em terras uruguaias torcendo, é claro, pelo Brasil também”. Nauro ficou impressionado com o número de pessoas “fantasiadas” para os jogos. “A energia é contagiante”. Este ensaio foi feito por ele a bordo de seu fusca 68 (em Pelotas, tem mais dois na garagem), companheiro de jornada pela Argentina, Uruguai e Brasil. “Um Fusca para mim tem a cara da América Latina. Onde quer que eu chegue com ele as portas se abrem”.













SOY MI
HUESPED

Mario Benedetti

*y uso la noche
para despojarme
de la modestia
y otras vanidades*

*aspiro a ser tratado
sin los prejuicios
de la bienvenida
y con las cortesías
del silencio*

*no colecciono padeceres
ni los sarcasmos
que hacen mella*

*soy tan solo
mi huésped
y traigo una paloma
que no es prenda de paz
sino paloma*

*como huésped
estrictamente mío
en la pizarra de la noche
trazo una línea
blanca*

(De La Vida ese Parentesis)

Mario Benedetti é poeta, escritor e ensaísta uruguaio. Iniciou a carreira em 1949, alcançando reconhecimento em 1956 ao publicar Poemas de Oficina.

PAVILHÃO DA CRIATIVIDADE

**MAIS DE QUATRO MIL PEÇAS
CONTAM A HISTÓRIA MILENAR DOS
POVOS LATINO-AMERICANOS.**



CAZUZA, PRO DIA NASCER FELIZ
40 MIL PESSOAS NA PRAÇA CÍVICA DO MEMORIAL

26/05/2015




MEMORIAL